

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Tayane Pereira Silveira

**Representações da Revolução Industrial e da classe trabalhadora em *North and South*, de Elizabeth Gaskell**

PORTO ALEGRE

2016

Tayane Pereira Silveira

**Representações da Revolução Industrial e da classe trabalhadora em *North and South*, de Elizabeth Gaskell**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Cláudia Mauch

PORTO ALEGRE

2016

Tayane Pereira Silveira

**Representações da Revolução Industrial e da classe trabalhadora em *North and South*, de Elizabeth Gaskell**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia Mauch (orientadora) - UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Carla Brandalise - UFRGS

---

Prof. Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli - UFRGS

PORTO ALEGRE

2016

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha família. Aos meus pais, José Renato e Marizete, agradeço por terem me feito amar a leitura através da paciência em reler, todos os dias, os mesmos gibis e livros infantis quando eu ainda não havia aprendido a ler. Agradeço pelo apoio e incentivo dado não só durante o curso de graduação, mas durante toda minha vida. Ao meu irmão mais novo, Jeferson, agradeço pela curiosidade e pelos questionamentos que me motivaram a continuar sempre estudando e aprimorando meus conhecimentos.

Agradeço à Marjani por, em 2013, ter me apresentado à versão televisiva de *North and South* e ter sugerido que eu utilizasse o livro como tema de um trabalho pela primeira vez. Mais importante ainda, obrigada por ser você e por ter me dado a honra de estar ao seu lado por todos esses anos. Obrigada pelo companheirismo, pelo carinho, enfim, por tudo.

Agradeço à Sarah pelos mais de dez anos de amizade e apoio, pelas conversas e pelas risadas. Ao Bruno, à Gabriella e à Isabela - os amigos que o curso de História me deu de presente - obrigada pelo companheirismo e pela possibilidade de colaborar e produzir ao lado de pessoas tão fantásticas como vocês.

Agradeço à minha orientadora, professora Cláudia Mauch, pela dedicação, pelas sugestões e por todo o apoio, e, além disso, pela oportunidade em ser sua aluna e orientanda.

À Amanda, da Santa Casa de Porto Alegre, aos professores Ronaldo e Sandra das escolas Emílio Meyer e Adelaide Pinto de Lima Linck, e à professora Caroline Bauer, muito obrigada pelas oportunidades de trabalhar em lugares maravilhosos e em conjunto com pessoas incríveis.

Por fim, agradeço ao professor Mitsuharu Matsuoka por construir e manter, há mais de vinte anos, um banco de dados online sobre Elizabeth Gaskell que foi imensamente útil para o desenvolvimento deste trabalho, tornando disponíveis trabalhos estrangeiros sobre a autora que seriam praticamente inacessíveis em outro contexto.

## RESUMO

A questão que norteia o presente trabalho é a seguinte: de que maneira Elizabeth Gaskell (1810-1865), uma escritora inglesa pertencente à classe média, percebia as mudanças provocadas pela Primeira Revolução Industrial? Na tentativa de responder esta pergunta, analisamos representações sobre a Primeira Revolução Industrial e suas consequências na obra *North and South* (1855), enfatizando a forma com que o contraste entre os ambientes agrário e industrial, as condições de vida e de trabalho dos operários, bem como as relações construídas entre eles e seus patrões, aparecem em suas páginas. Esta análise é fundamentada nos conceitos de representação, classe e Revolução Industrial, bem como na percepção da literatura ficcional como fonte excepcional para a História, por conter os pontos de vista e ideias de indivíduos contemporâneos a um período histórico específico. O presente trabalho possui como hipótese a ideia de que a trajetória de Elizabeth Gaskell como um todo influenciou na forma com que patrões e trabalhadores são percebidos em *North and South*. Assim, concluímos que as consequências da Primeira Revolução Industrial foram demonstradas de maneira negativa por Gaskell, embora a autora busque se manter neutra ante os conflitos por ela apresentados no romance.

Palavras-chave: História e literatura; Revolução Industrial; classe trabalhadora; Inglaterra; Elizabeth Gaskell.

## **ABSTRACT**

The question guiding this paper is: how Elizabeth Gaskell (1810-1865), an English writer belonging to a lower middle class, perceived the changes brought by the First Industrial Revolution? Attempting to answer this question, we analyzed the representations of the First Industrial Revolution and its consequences in *North and South* (1855), emphasizing the way in which the contrast between agrarian and industrial, the conditions of life and labor of the workers, as well as the relationships that were built between them and their employers, appears on its pages. This analysis is based on the concepts of representation, class and Industrial Revolution, as well as the perception of fictional literature as an exceptional source for History, as it contains views and ideas of individuals contemporary to a specific historical period. We work with the hypothesis that the trajectory of Elizabeth Gaskell as a whole has influenced the way in which employers and workers were seen in *North and South*. Thus, we conclude that Gaskell demonstrated the consequences of the First Industrial Revolution in a negative way, although the author sought to remain neutral about the conflicts presented in the novel.

Keywords: History and Literature; Industrial Revolution; working class; England; Elizabeth Gaskell.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. CONHECENDO ELIZABETH GASKELL .....</b>	<b>12</b>
<b>3. REPRESENTAÇÕES E CONFLITOS DO NORTE E DO SUL INGLÊS .....</b>	<b>19</b>
3. 1. A idealização do campo e a depreciação da cidade .....	19
3. 2. Cidade, dinamismo e progresso .....	28
<b>4. RELAÇÕES ENTRE PATRÕES E OPERÁRIOS: VISÕES, CONFLITOS E DIÁLOGOS.....</b>	<b>33</b>
4. 1. A multidão trabalhadora .....	33
4. 2. O patrão e suas percepções de mundo .....	48
4. 3. Organizações operárias: greve, sindicato e consciência de classe.....	55
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>66</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura de ficção funciona como um instrumento de reflexão sobre a realidade desde seus tempos mais remotos; a multiplicidade de obras nas quais seus autores expõem suas percepções sobre fatos e acontecimentos de sua época é exemplo disto. Assim, por serem recipientes das opiniões de seus escritores, pode-se dizer que as obras literárias possibilitam ao leitor a construção de ideias sobre o período histórico em que foram compostas. Esta característica, ainda, pode colaborar para uma melhor compreensão da própria atualidade - afinal, diversos elementos contemporâneos também integravam contextos passados, mesmo que então estivessem atrelados a condições mais específicas naqueles momentos.

Dessa forma, este trabalho possui como objetivo primordial examinar as formas com que a Primeira Revolução Industrial e as consequências sociais por ela produzidas são representadas no romance *North and South*, de Elizabeth Gaskell, com destaque para as condições de vida e de trabalho dos operários e das relações destes com seus patrões no contexto inglês.

*North and South* foi publicado pela primeira vez na revista *Household Words* entre setembro de 1854 e janeiro de 1855, em vinte episódios semanais; ainda em 1855, a editora Chapman & Hall lançou a história em formato de livro. A protagonista do romance é Margaret Hale. Recém-chegada à sua casa – localizada em Helstone, uma tranquila aldeia no sul rural da Inglaterra - após viver dez anos em Londres com uma tia, a jovem toma conhecimento da desistência do pai, sr. Hale, de sua função eclesiástica devido a dúvidas em relação à sua fé na religião. Tal desistência obriga a família a se mudar para a fictícia cidade industrial de Milton, onde o sr. Hale visa trabalhar como tutor. Milton é suja, poluída e dona de uma atmosfera hostil, o exato oposto de Helstone. Embora inicialmente chocada com a dureza do cotidiano da nova cidade, Margaret se acostuma aos poucos com a situação e passeia pelos arredores para conhecer melhor Milton. Tomando conhecimento da rotina e da vida dos trabalhadores locais, a protagonista desenvolve uma grande admiração e simpatia por eles - o que leva Margaret a se chocar com John Thornton, o principal pupilo do sr. Hale. Dono de uma próspera indústria de fiação de algodão, Thornton e suas opiniões sobre os trabalhadores provocam diversas discussões entre ele e Margaret.

*North and South* possui fortes elementos do próprio cotidiano de Gaskell. Nascida em 1810, a autora casou-se aos 22 anos e se mudou com o marido, William Gaskell, para Manchester. Nesta cidade, ambos elaboraram diversos projetos beneficentes dedicados aos mais necessitados, e foi a partir de então que a autora iniciou seu contato com a realidade

contrastante de Manchester - local que era, ao mesmo tempo, um símbolo de prosperidade econômica e de desigualdade. *North and South* não é a única obra produzida por Gaskell; a autora possui uma ampla lista de publicações, composta por contos, romances, novelas, escritos não-ficcionais e biografias. Além de *Norte e Sul*, *Mary Barton* (1848), *Cranford* (1853) e *Wives and Daughters* (1865) são as obras mais famosas de Gaskell, sendo *Mary Barton* o único romance de Gaskell que compartilha a temática da fonte aqui abordada.

A bibliografia que trata da Primeira Revolução Industrial é consideravelmente extensa em âmbito europeu. Os principais autores que abordam o tema e foram utilizados neste trabalho são Edward Palmer Thompson e Eric Hobsbawm. Sobre o primeiro autor, talvez sua obra mais relevante para este estudo seja *A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa* que, embora não aborde unicamente a Revolução Industrial, traz informações preciosas sobre o tema - como questões políticas, sociais e econômicas recorrentes naquele contexto. Hobsbawm, por sua vez, produziu livros mais específicos sobre o assunto, como *As Origens da Revolução Industrial e Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*, por exemplo. A Revolução Industrial e suas consequências também encontram lugar em outras obras de sua autoria que analisam temáticas mais gerais, como é o caso de *A Era das Revoluções* e *A Era do Capital*.

O estudo de Elizabeth Gaskell e suas obras é bastante difundido especialmente na Europa e no Japão. O mais importante grupo de estudos sobre a autora se chama *The Gaskell Society*; fundado no Reino Unido em 1985, possui membros de diversos países e mantém duas publicações – *The Gaskell Society Journal* e *The Gaskell Society Newsletter*, que permitem o envio de artigos, ensaios e resenhas a qualquer interessado.

Um dos pontos que define a importância deste trabalho se relaciona com a falta de trabalhos brasileiros recentes na área da História que abordem a Primeira Revolução Industrial e suas consequências em território inglês. Se destacam autores como Maria Stella Bresciani e Edgar Salvadori de Decca, que foram responsáveis por importantes obras sobre o tema: Bresciani é autora de *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*, enquanto Decca foi responsável por escrever *O nascimento das fábricas* e, ao lado de Cristina Meneguello, *Fábricas e homens: a Revolução Industrial e o cotidiano dos trabalhadores*. Entretanto, a produção em geral de ambos os autores é focada em outros assuntos que não o da Revolução Industrial na Inglaterra. Outro autor importante é José Jobson de Andrade Arruda, que escreveu

*As raízes do industrialismo moderno: estudo histórico sobre as origens da Revolução Industrial na Inglaterra* em 1982 e conduziu diversas pesquisas sobre o tema em sua carreira acadêmica<sup>1</sup>.

Os trabalhos brasileiros que utilizam livros de Elizabeth Gaskell como fonte primária são ainda mais raros, ainda que trabalhos que possuam a História e literatura como tema ou empreguem obras literárias como fonte empírica tenham se tornado mais comuns. Em consultas ao Google Acadêmico e aos repositórios digitais das universidades UFRGS, PUCRS, USP, UFRJ e UFBA, somente um projeto de Iniciação Científica foi encontrado; produzido na PUCRS e datado de 2009, foi de autoria da então estudante de graduação em Letras Natália Ramos Ferreira e, aparentemente, resultou no trabalho de conclusão de curso de Ferreira, intitulado *O conflito social na obra "North and South" de Elizabeth Gaskell*.<sup>2</sup> Esta escassez pode ser resultado da pouca popularidade que os livros da autora possuíam no Brasil até 2015, momento em que ocorreu um aparente aumento no interesse em relação à autora com a publicação de diversos títulos seus.<sup>3</sup> Assim, este trabalho visa incentivar futuros trabalhos que aprofundem o contexto da Primeira Revolução Industrial, bem como a importância dos escritos de Elizabeth Gaskell para o estudo sobre esta época.

Uma outra justificativa para este trabalho se refere a sua abordagem de assuntos que permanecem contemporâneos à sociedade. Mesmo que o cenário de *Norte e Sul* seja a Inglaterra da metade do século XIX, os conflitos sociais daquela época não foram resolvidos à medida que a industrialização avançou; pelo contrário, se mantiveram e assumiram novas formas. Dessa maneira, estudar a situação social retratada em *Norte e Sul* se mostra como uma proveitosa ferramenta para entender questões e problemas que ainda se fazem presentes na sociedade atual.

A argumentação neste trabalho se baseia na suposição de que a História, bem como as fontes utilizadas para escrevê-la, são formas de representação de realidades passadas, assim como a literatura. A partir deste pressuposto, então, há a necessidade de entender que o texto é composto por três elementos principais: escrita, linguagem e leitura, sendo que, a partir deles, o texto se configura em intermediário entre seu criador e o leitor e em conexão entre a comunicação e a transmissão de representações. Dessa maneira, ao historiador é necessário

---

<sup>1</sup> *Currículo do Sistema de Currículos Lattes (José Jobson de Andrade Arruda)*. Disponível em <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4780419H1>>. Acesso em 29 set. 2016.

<sup>2</sup> *Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Natália Ramos Ferreira)*. Disponível em <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4253548D3>>. Acesso em 14 ago. 2016.

<sup>3</sup> Neste ano *North and South* ganhou duas edições no Brasil, uma publicada pela Editora Martin Claret e outra pela Editora Pedrazul. Esta última também foi responsável por publicar *Cranford*, *Wives and Daughters*, *Moorland's Cottage* e *Lizzie Leigh*, sendo estes dois últimos livros também escritos por Gaskell; além disso, a editora incluiu outros títulos da autora inéditos no país em seus lançamentos futuros, como *Mary Barton*, *Ruth*, *Cousin Phillis*, entre outras. Para maiores detalhes, consultar <<http://www.pedrazuleditora.com.br/futuros-lancamentos-ct-9be7f>>.

levar em consideração escrita, texto e leitura, atentando para suas especificidades e os impactos que estas possuem na análise.<sup>4</sup> A discussão das relações entre história e literatura será uma constante neste trabalho; por esta razão, será tratada com um maior aprofundamento no decorrer de seu desenvolvimento.

Este trabalho é composto por três capítulos. No primeiro, será feito um resgate da vida e da obra de Elizabeth Gaskell, visando lançar bases para a análise do romance a ser realizada no segundo e no terceiro capítulo, estando dividida em temáticas e fundamentada em textos de autores como Raymond Williams, Stella Bresciani e Edward P. Thompson. O segundo capítulo foca em questões espaciais que dialogam com o título do livro - no caso, a oposição, na Inglaterra da primeira metade do século XIX, entre as regiões sul (caracteristicamente rural e aristocrática) e o norte (marcada pelo desenvolvimento industrial)-, e as aprofunda, abordando pontos como a idealização do campo e a desvalorização da cidade presentes em um primeiro momento em *North and South* e, posteriormente, a visão da cidade como um lugar de progresso e o conseqüente término da idealização do espaço rural.

Por fim, o terceiro capítulo enfatiza questões específicas que surgem no contexto da Revolução Industrial e das novas realidades por ela provocadas, como a multidão de trabalhadores nas grandes cidades e a maneira com que estes trabalhadores são representados em *North and South*, a partir de elementos como maneirismos linguísticos, condições de moradia, trabalho e saúde; da mesma forma, a representação do patrão no romance também é analisada. Outro ponto importante que é objeto de análise neste capítulo é a forma com que padrões e trabalhadores se percebem e, a partir dela, constroem relações entre si. Finalmente, o capítulo aborda formas de organização operária, como greves e as formas de atuação de sindicatos, além da presença de uma consciência de classe.

---

<sup>4</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 69-70.

## 2. CONHECENDO ELIZABETH GASKELL

Para que seja possível compreender melhor os elementos que fazem parte de *North and South*, é preciso conhecer a trajetória da autora até o surgimento do romance, na década de 1850. É possível que muitos dos acontecimentos do romance tenham sido influenciados pela própria vida de Gaskell.

Gaskell nasceu como Elizabeth Cleghorn Stevenson em 29 de setembro de 1810, em uma família de classe média baixa. Foi a última de oito irmãos; quatro anos antes de seu nascimento, o pai havia abandonado o Unitarismo<sup>5</sup> - da mesma forma que o pai da protagonista de *North and South* o fez - para ocupar o cargo de Guardião dos Registros do Tesouro. Quando sua mãe faleceu, apenas treze meses após seu nascimento, o pai a enviou para morar em Knutsford junto a uma tia materna. A jovem Elizabeth permaneceu lá até completar quinze anos, quando se mudou para Stanford-on-Avon a fim de receber educação sobre artes, etiqueta e os clássicos, como cabia às moças de “boa família” da época. Concluiu seus estudos em 1817 e voltou para sua cidade natal, Londres, para cuidar do pai doente; ele viria a falecer dois anos depois.<sup>6</sup>

Por três anos, a então senhorita Stevenson viveu sob os cuidados de Ann Turner, a filha de um ministro unitário amigo de sua família. Viveram primeiro em Newcastle upon Tyne, depois Edimburgo e, finalmente, em Manchester, onde Elizabeth conheceu William Gaskell, ministro da capela unitária de Cross Street. Conhecido pelos seus trabalhos filantrópicos e pela sua atuação como professor de História e Literatura Inglesa na faculdade local, William desposou Elizabeth em 1832; tiveram seis filhos, quatro dos quais sobreviveram até chegar à idade adulta.

O fato de Gaskell ter sido esposa de uma figura tão importante em Manchester daquela época teria possibilitado sua aproximação com a vida cultural e comercial da cidade; entretanto, a Manchester que aparece em seus primeiros romances não traz muito disto - ao contrário, seus romances trazem o cotidiano de camadas mais empobrecidas da cidade. Isto se deve a alguns

---

<sup>5</sup> O Unitarismo é uma corrente teológica que acredita na unidade plena de Deus, negando a ideia da Santíssima Trindade. O Unitarismo inglês se originou no contexto da Reforma Protestante a partir de John Biddle (1615-1662), cuja publicação *Twelve Arguments Drawn out of Scripture* (1647) expunha suas crenças unitárias; já a primeira congregação unitária inglesa foi fundada apenas em 1774 por Theophilus Lindsey, um ex-clérigo anglicano. Entre as principais influências no Unitarismo inglês está o cientista e ministro dissidente Joseph Priestley (1733-1804) que enfatizava o racionalismo bíblico e o determinismo materialista. Adaptado de: LANDOW, George P. *Unitarianism*. The Victorian Web. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/religion/unitarian.html>>. Acesso em 12 out. 2016.

<sup>6</sup> ALLOT, Miriam. *Elizabeth Gaskell*. London: The British Council, 1960. p. 11.

possíveis fatores, como o contraste que sua vivência em Manchester representava em comparação com os períodos anteriores de sua vida e com sua atuação em campanhas de caridade em Manchester, nas quais, ao lado do marido, fazia visitas a necessitados locais.

Como salienta Alan Shelston, cerca de uma década após o ano em que os Gaskell chegaram a Manchester (1832), a cidade se tornaria o local sobre o qual mais se falaria e mais escreveria no hemisfério ocidental. Manchester atraiu diversos comentaristas europeus: alguns deles são Friedrich von Raumer, que visitou a cidade em 1825, 1836 e 1841; Friedrich Engels, que viveu em Manchester entre 1842 a 1844 e, durante esse período, escreveu *A Situação da Classe Trabalhadora Inglesa na Inglaterra*; Alexis De Tocqueville, que visitou a cidade durante uma semana em 1835; e Leon Faucher, que chegou em 1844. Escritores ingleses também se interessaram por Manchester: Dickens e Disraeli são dois dos nomes mais famosos. Além disto, jornalistas fizeram investigações sobre a cidade - Angus Bethune Reach, as fez para o jornal *Morning Chronicle* sob o título *Manchester and the Textile Districts in 1849*, trazendo diversas informações sobre as condições de vida na cidade. Por fim, os próprios moradores de Manchester escreviam sobre o que viam em seu cotidiano, como é o caso dos médicos Peter Gaskell (sem parentesco com a autora ou seu marido) e James Kay-Shuttleworth.<sup>7</sup>

A principal razão para que a Manchester da época atraísse tanta atividade intelectual, afirma Shelston, era sua caracterização como um símbolo do nascente industrialismo da primeira metade do século XIX. Embora existissem outras cidades onde o desenvolvimento obtido com a Revolução Industrial - bem como suas consequências - também fosse considerável, em nenhuma delas isto tinha se manifestado de forma tão clara.<sup>8</sup> Nos textos dos comentaristas anteriormente citados, é possível constatar o quão impressionante foi o impacto produzido pela observação e estudo das manifestações físicas do industrialismo e suas consequências na paisagem e na vida de toda uma cidade. O livro *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* é inteiro exemplo disto: nele, temos mostras do espanto com que Engels percebe as cidades industriais inglesas. Especificamente sobre Manchester, o autor afirma que a cidade possuía cerca de 235.000 habitantes em 1844 (ou mais de 400.000, se levarmos em consideração seis burgos que haviam sido adicionados, seis anos antes, para ser administrados por Manchester)<sup>9</sup>, e que o avanço da industrialização teria levado a um

---

<sup>7</sup> SHELSTON, Alan. *Elizabeth Gaskell's Manchester*. Disponível em: <<https://www.lang.nagoya-u.ac.jp/~matsuoka/EG-Manchester-Alan.html>>. Acesso em 12 out. 2016.

<sup>8</sup> SHELSTON, op. cit.

<sup>9</sup> ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global Editora, 1986, p. 56. Para maiores detalhes sobre a população, consultar a nota de rodapé nº. 46 presente na página citada.

crescimento desorganizado, refletindo-se no isolamento dos bairros operários em relação aos de classe média. As casas de operários geralmente se localizavam na parte antiga da cidade – abandonada por aqueles que possuíam melhores condições – e estavam em condição caótica:

É impossível imaginar o desordenado amontoamento das casas, literalmente empilhadas uma sobre as outras, verdadeiro desafio a qualquer arquitetura racional. E a responsabilidade disto não cabe só às construções da antiga Manchester. Na nossa época a confusão foi levada ao máximo porque, onde quer que o urbanismo da época anterior tivesse deixado o menor espaço livre, reconstruiu-se e remendou-se até que por fim não restou entre as casas um centímetro livre onde fosse possível construir.<sup>10</sup>

Algumas linhas à frente, Engels faz uma impressionante descrição da sujeira ao redor das residências às margens do rio Irk:

À esquerda e à direita, um grande número de passagens cobertas conduzem da rua principal aos numerosos pátios e, assim que aí penetramos, ficamos rodeados por uma sujeira e uma sordidez repugnantes, sem comparação com nada que eu conheça, particularmente nos pátios que descem para o Irk e onde, na realidade, se encontram as piores habitações que foi me dado ver até hoje. Num destes pátios, precisamente na entrada, na extremidade do corredor coberto, há banheiros sem portas, e tão sujos que os habitantes para entrarem ou saírem do pátio têm de atravessar um charco de urina pestilenta e de excrementos que rodeia esses locais [...]; embaixo, nas margens do curso de água, há várias fábricas de curtumes que empesteiaram toda a região com o fedor que emana da decomposição de matérias orgânicas.<sup>11</sup>

Estes trechos são apenas um breve exemplo do cenário em Manchester na época em que tanto Engels quanto Gaskell lá residiram. Curiosamente, a casa em que Engels residiu durante sua estada em Manchester ficava bastante próxima à residência dos Gaskell; entretanto, como afirma Shelston, não há registro de que ambos os autores tenham se encontrado em algum momento.<sup>12</sup>

Embora Gaskell recebesse incentivo do pai para escrever, foi somente após a morte de seu único filho homem, em 1845, que começou a fazê-lo. Foi encorajada pelo marido, que via a escrita como uma forma de confortá-la; o filho falecera com pouco mais de um ano e meio de idade devido à febre escarlatina, e Elizabeth sentira a perda de forma extremamente intensa. A partir desta experiência surgiria seu primeiro romance: *Mary Barton*, em 1848. A recepção foi bastante positiva, e, dois anos depois, Gaskell recebeu um convite de Charles Dickens para colaborar com sua recém-criada revista *Household Words*. A parceria dos dois autores duraria treze anos e iniciou-se com *Lizzie Leigh* (1850), incluindo posteriormente *Cranford* (1851-1853) e *North and South* (1855), dois dos romances mais famosos de Gaskell. 1850 também foi

---

<sup>10</sup> ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global Editora, 1986. p. 61.

<sup>11</sup> ENGELS, loc. cit.

<sup>12</sup> SHELSTON, Alan. *Elizabeth Gaskell's Manchester*. Disponível em: <<https://www.lang.nagoya-u.ac.jp/~matsuoka/EG-Manchester-Alan.html>>. Acesso em 12 out. 2016.

o ano em que Gaskell conheceu Charlotte Brontë; as duas tornaram-se grandes amigas imediatamente. Após o falecimento de Brontë, cinco anos depois, Gaskell foi a responsável por escrever sua biografia, publicada em 1857.

Gaskell acabou falecendo subitamente, em 1865; Miriam Allot diz que no dia 12 de novembro, após o chá, a autora conversava com parentes quando, de repente, teve um colapso e morreu<sup>13</sup>. Foi enterrada em Knutsford, deixando sua última obra, *Wives and Daughters*, sem conclusão.

De todas as obras de Gaskell, somente seus dois primeiros romances possuem temática industrial: *Mary Barton* e *North and South*. Estas obras foram escritas em um contexto de ascensão de romances sociais, que abordavam as consequências da Revolução Industrial na sociedade. O romance social moderno teria se originado a partir da década de 1830, por volta da mesma época, em diversas localidades da Europa; o diferencial da Inglaterra, neste caso, seria a preocupação em discutir problemáticas mais concretas a partir de um ponto de vista mais humanizado. Arnold Hauser afirma que o romance social, em si, surgiu muito antes do século XIX; porém, é apenas a partir da década anteriormente mencionada que o romance começou a ser utilizado como ferramenta propagandística em prol de causas sociais.<sup>14</sup>

Segundo Hauser, este tipo de romance tinha como alvo um público mais diversificado, preocupando-se também em atingir camadas sociais que desconheciam intelectuais como Thomas Carlyle, por exemplo, e que viviam as mudanças trazidas pelo avanço do industrialismo. Porém, estes novos leitores ainda eram minoria; a maioria do público continuava a pertencer às classes média e alta. Dessa forma, os romances continuavam muito atrelados às visões da burguesia e à manutenção da ordem vigente. Exemplo disto é a solução dos conflitos de maneira conciliatória, sem grandes alterações estruturais, mesmo que o texto contivesse críticas à sociedade da época.<sup>15</sup>

Embora tenham sido publicadas com sete anos de diferença entre si, *Mary Barton* e *North and South* possuem estreitas relações. As duas obras abordam o cotidiano de uma cidade industrial - Manchester e Milton, sendo a segunda uma versão ficcionalizada da primeira - e seus problemas. Ao mesmo tempo em que são tão semelhantes, ambas possuem suas peculiaridades.

*Mary Barton* foca exclusivamente nos trabalhadores. A protagonista que dá título ao romance é uma jovem costureira, objeto da afeição de dois rapazes: Jem Wilson, um jovem

---

<sup>13</sup> ALLOT, Miriam. *Elizabeth Gaskell*. London: The British Council, 1960. p.13.

<sup>14</sup> HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 847.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 846.

trabalhador extremamente dedicado, e Harry Carson, o rico filho do dono de um moinho de algodão. Ambos pedem a mão de Mary em casamento; mesmo estando apaixonada por Jem, ela aceita o pedido de Carson por acreditar que isto dará a ela e ao pai, o sofrido cartista<sup>16</sup> John Barton, uma vida mais digna. Contudo, Carson é assassinado em seguida, e Jem é considerado o principal suspeito. Ao longo do romance, sua inocência é comprovada - John Barton confessa o crime para o pai de Harry, que o perdoa e vê Barton morrer em seus braços. Mary, após revelar seus sentimentos a Jem, viaja com ele para o Canadá a fim de construir uma nova vida.

É notável, em *Mary Barton*, a preocupação que Gaskell dedica em apresentar as dificuldades dos trabalhadores e o começo de uma consciência, da parte dos mesmos, sobre sua situação. Neste âmbito, é interessante destacar a *solidariedade* que Gaskell dedica a John Barton; mesmo tendo cometido o assassinato, Gaskell é capaz de nutrir uma profunda empatia pelo personagem, chegando a chamá-lo mesmo de seu “herói”. Isso pode ser explicado pelo fato de que, originalmente, o romance deveria se chamar *John Barton* - ou seja, o pai de Mary realmente deveria ser o protagonista -, mas Gaskell foi forçada a alterar o título devido à pressão de seus editores, Chapman e Hall. Oficialmente, não há justificativa nenhuma para esta mudança<sup>17</sup>; porém, pode-se presumir que ocorreu devido ao temor de um retorno negativo pela possibilidade de um assassino ser o protagonista e herói de uma história. O fato é que, em *Mary Barton*, Gaskell esforça-se em descrever a realidade dos trabalhadores com precisão, sem deixar de mostrar sua simpatia por eles - como o caso de John Barton nos mostra.

Em *North and South*, Gaskell suaviza consideravelmente seu tom, buscando mostrar-se neutra ao colocar uma protagonista vinda de uma região rural do sul do país e incumbindo-a de construir o caminho para o diálogo entre trabalhadores e patrões em conflitos. Isto deve-se principalmente da reação da autora ante as críticas; mesmo que seu romance anterior tivesse sido bastante elogiado, leitores centraram-se em alguns pontos específicos para criticá-lo. Miriam Allot traz alguma destas críticas: enquanto um leitor afirma que Gaskell demonstrou ter “uma mórbida sensibilidade para com a condição dos operários”, outro, chamado W. R. Greg, reprova sua “ideia fatalmente falsa” de que “os pobres devem depender dos ricos e não

---

<sup>16</sup> O cartismo foi um movimento social inglês iniciado nos anos 1838 com o objetivo de incluir a classe operária na política. Baseava-se na *Seis Pontos da Carta do Povo*, escrita em 1838 por William Lovett e a Associação dos Trabalhadores de Londres, sendo enviada ao Parlamento Inglês. O documento exigia o sufrágio masculino, votações secretas, igualdade de direitos eleitorais, parlamentos anuais, participação dos operários nestes parlamentos e remuneração a estes participantes. Adaptado de: RUDÉ, George. O cartismo. In: *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1730-1848)*. Rio de Janeiro: Campus, 1991. p. 195-208.

<sup>17</sup> WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. São Paulo: Editora Nacional, 1969. p. 106-107.

deles mesmos” para solucionar seus problemas, afirmando também que os patrões deviam ser creditados pelas suas tentativas de projetos que beneficiariam os trabalhadores<sup>18</sup>.

O comentário de W. R. Greg remonta ao antigo questionamento – que se agravou com a Revolução Industrial - na Inglaterra sobre as formas de auxiliar os pobres e o conseqüente debate, entre as classes mais altas, sobre sua eficácia e necessidade. Em geral, essas medidas destinavam aos mais pobres um pagamento mínimo para garantir a compra de comida; é o caso da chamada Lei dos Pobres - primeiramente surgida no século XVI e reformada na década de 1830 – e o sistema Speenhamland, de 1795.<sup>19</sup>

As percepções sobre estas medidas eram variadas: havia os que as viam como algo positivo, pois incentivavam os pobres a casar e ter filhos, assim garantindo a existência de mais mão-de-obra do que o demandado e provocando uma queda no gasto com os salários.<sup>20</sup> Entretanto, também era corrente a noção de que estes impostos para pobres deterioravam os laços tradicionais entre mestres e empregados, tornando a classe trabalhadora ociosa e, conseqüentemente, “degenerada”. A Revolução Francesa teria sido a responsável por essa suposta degeneração, pois seus ideais de igualdade e de direitos dos homens haviam se mantido presentes entre os trabalhadores que, em conseqüência, viam a assistência como um *direito* – algo que parecia absurdo aos olhos de muitos.<sup>21</sup>

Em *North and South*, Gaskell não se posiciona da mesma maneira que havia se posicionado em *Mary Barton*. Sua protagonista, agora, é uma “estrangeira” que mostra ao leitor os conflitos entre classes na cidade de Milton. Não há mais tanto interesse em demonstrar o sentimento do trabalhador para com sua situação, mas sim em reproduzir a maneira como as atitudes em relação aos trabalhadores são pensadas e executadas. Isto é demonstrado nos extensos debates sobre o tema presentes em suas páginas, o que torna explícita a atualidade do assunto na época em que o livro foi publicado.

Tendo Gaskell escrito *North and South* de forma com que a história se passasse em um período temporal vivenciado por ela mesma, pode-se dizer que a obra é útil para o entendimento daquela época, convertendo-se, dessa forma, em uma fonte histórica. Porém, por se tratar de uma obra literária, é preciso considerar algumas peculiaridades especificamente relacionadas com a discussão da *veracidade* da literatura como fonte para a pesquisa em História. Segundo

---

<sup>18</sup> ALLOT, Miriam. *Elizabeth Gaskell*. London: The British Council, 1960. p. 17.

<sup>19</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. II. p. 52-53.

<sup>20</sup> *Commercial and Agricultural Magazine*, outubro de 1800. In: THOMPSON, op. cit., p. 52.

<sup>21</sup> THOMPSON, op. cit., p. 54.

Chartier, não existem textos que são realmente fiéis à realidade em que estão inseridos, mesmo que seus objetivos sejam a busca por uma “verdade”. Modelos discursivos e demarcações intelectuais são responsáveis por construir e delinear as relações que um texto estabelece com a realidade, podendo se diferenciar de acordo com o contexto. Assim, é preciso ter-se em consideração que uma obra ficcional não é, simplesmente, o reflexo fiel de determinado momento histórico; assim, é preciso observar os detalhes específicos do texto a ser estudado.<sup>22</sup>

Seguindo este raciocínio, o principal objetivo do uso da literatura como fonte histórica reside em “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler”.<sup>23</sup> Afinal, as representações do mundo social, de caráter fictício ou real, são nitidamente construídas com base nos mais variados interesses, principalmente daqueles que constroem tais representações, sendo neste ponto que reside a importância de estabelecer relações entre o discurso com os grupos que o produzem e utilizam.<sup>24</sup>

*North and South* foi publicado pela primeira vez na revista *Household Words*, em 20 capítulos, entre setembro de 1854 e janeiro de 1855. Na publicação, a história perdeu seu título original, *Margaret Hale*, devido a uma sugestão de Charles Dickens: Dickens considerava o título *North and South* mais adequado aos acontecimentos do romance, marcados pelo conflito entre o norte industrial e o sul rural.<sup>25</sup> O livro foi publicado integralmente pela editora Chapman & Hall, meses após sua finalização em *Household Words*, com a adição de trinta e dois capítulos, além de outros trechos considerados importantes pela autora. Estas alterações foram explicadas no prefácio da edição impressa, onde Gaskell afirmou que o formato da revista não lhe permitira desenvolver sua história da maneira que gostaria.<sup>26</sup>

A mudança no título feita por Dickens tem sua razão de ser. A existência de um contraste conflituoso entre norte e sul inglês é uma peça fundamental para o desenvolvimento de *North and South*; tais conflitos, bem como as formas como tais regiões são apresentadas no romance, serão analisadas com maior foco a seguir.

---

<sup>22</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 63.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 16-7.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>25</sup> WANDEKOKEN, Chirlei. Nota da editora: A escolha do título. In: GASKELL, Elizabeth. *Margaret Hale (Norte e Sul)*. Domingos Martins: Editora Pedrazul, 2015. p. 7.

<sup>26</sup> Preface to original edition. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994.

### 3. REPRESENTAÇÕES E CONFLITOS DO NORTE E DO SUL INGLÊS

#### 3. 1. A idealização do campo e a depreciação da cidade

Como exposto por Paula Alexandra Guimarães em *A Resolução de North and South de Elizabeth Gaskell*, não se pode ignorar a questão “geográfica” do romance, exposta em seu próprio título. A opção pelo título *North and South*, ao invés do original *Margaret Hale*, deixa a entender a existência de dois *mundos* bastantes distintos entre si, com realidades e costumes diferentes, algo muito além da simples oposição entre duas regiões geográficas.<sup>27</sup> É por esta razão que a principal personagem do romance é alguém que transita entre estes dois mundos e não unicamente o povo oriundo de um deles. Ao mesmo tempo em que o trajeto de Margaret representa contextos geográficos e culturais diversos entre si, também representa a evolução psicológica construído pela própria personagem; além de se mudar para o norte, a protagonista muda a si mesma, amadurece e se torna adulta.

Como destaca Guimarães, Margaret é a “filha ideológica da autora”<sup>28</sup>; assim, é a partir da personagem que podemos enxergar o ponto de vista que Gaskell possui. Com base nesta questão, é possível discutir as diferentes formas de relações que podem ser estabelecidas entre História e literatura.

Em *História & literatura: uma velha nova história*, Pesavento discute as relações entre os dois campos fundamentando-se em estudos sobre o imaginário. Segundo a autora, o imaginário, além de colaborar para o resgate de formas de enxergar e expressar o que se considerava “real” no passado, também serve para representar o abstrato; em suma, é um sistema de organização e legitimação do real, em que comportamentos e atitudes se baseiam. O imaginário se fundamenta no conceito de representação ao se definir como um conjunto de representações sobre o mundo que possui a realidade como referência, sem, porém, se misturar a ela. De acordo com a autora, “ao construir uma representação social da realidade, o imaginário passa a substituí-la, tomando o seu lugar. O mundo passa a ser tal como nós o conhecemos, sentimos e avaliamos”<sup>29</sup>.

Assim, tomando como base a noção de imaginário, Pesavento considera tanto a História quanto a literatura como narrativas onde o real assume papel de referência, seja como forma de

---

<sup>27</sup> GUIMARÃES, Paula Alexandra. *A Resolução de North and South de Elizabeth Gaskell*. Braga: Universidade do Minho, 1993. p. 2.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>29</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs). *História & literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 12-13.

comprovação ou negação dele mesmo ou como base para a construção de diversas outras versões. Neste contexto, a literatura aparece como uma maneira excepcional de se aproximar do imaginário de épocas passadas:

A sintonia fina de uma época fornecendo uma leitura do presente da escrita pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu ou do Tio Goriote de Eugène de Rastignac terem existido ou não. Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na "verdade do simbólico" que expressam não no acontecer da vida. São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo.<sup>30</sup>

Este trecho dialoga com o exposto por Roger Chartier em *A história cultural: entre práticas e representações*. Segundo o autor, quaisquer documentos - literários ou não - representam o real. Entretanto, não há como estes documentos se separarem de suas próprias características textuais; ou seja, eles se mantêm baseados nas normas de produção que caracterizam cada segmento de escrita, com seus respectivos tipos de linguagem, veículo de transmissão e público destinado. Reafirmando o que já foi dito anteriormente, estes fatores tornam essencial a contextualização estilística, linguística e autoral, entre vários outros aspectos, do texto a ser analisado.<sup>31</sup>

Quanto à História, Pesavento estabelece algumas similaridades com a literatura, como a presença de um narrador - o historiador. O historiador, de certa maneira, cria uma narrativa e lida com a escrita e a leitura; porém, não lhe é permitido criar personagens ou eventos históricos, apenas *descobri-los*. Ao recompor um tempo histórico, o historiador constrói uma narrativa própria ou, em outras palavras, sua própria versão; como aponta a autora, ele não alcança a verdade, mas sim a verossimilhança.<sup>32</sup> A literatura, dessa forma, se faz uma fonte excelente para o historiador porque lhe permite se aproximar do imaginário de uma época. Em adição a isto, a literatura possibilita a apreensão de questões que não se fariam presentes em outras fontes devido à sua narrativa ser marcada por uma subjetividade própria, algo útil para orientar o olhar do historiador.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs). *História & literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 14.

<sup>31</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 62-63.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 22.

Como salienta Pesavento, o âmbito epistemológico é onde História e literatura estabelecem ligações, que são compreendidas como meios válidos de explicar o mundo - embora bastante diversas - e que se aproximam do real cada qual à sua maneira, sendo também ambas maneiras de representar questionamentos comuns a um contexto histórico. Ao mesmo tempo, existem pontos que provocam afastamento entre estas formas narrativas, sendo o principal deles a discussão verdade x ficção. De qualquer forma, a literatura pode ser utilizada pela História como um “traço”: enquanto esta última formula questionamentos, a literatura atua como um documento a partir do qual o historiador procura respostas para tais questões.<sup>34</sup> Um exemplo deste “traço” em *North and South* seria o fato da principal característica que forma o perfil da protagonista - o pertencimento a uma classe média baixa – ser compartilhada com a própria autora do romance. Isto nos leva a entender que muitos dos valores morais, sociais e culturais que Margaret possui são oriundos da própria Gaskell. E de fato, como salienta Raymond Williams em *Cultura e Sociedade, North and South* traz as próprias opiniões da autora - algo que faria com que a associação desse romance com a realidade fosse mais próxima quando comparado com o que ocorre em *Mary Barton*, seu primeiro romance industrial<sup>35</sup>.

Levando estas questões em consideração, é possível pensar a maneira com que campo e cidade aparecem durante o romance a partir do conceito de representação. A noção de representação de algo ou alguém traz, em si mesma, diversos significados e valores que podem ser aplicados a pessoas, instituições, fatos e acontecimentos. Como salienta Sandra Pesavento,

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.<sup>36</sup>

Assim, a representação possui um grande poder de influenciar no imaginário do indivíduo - e da sociedade como um todo – a partir da seleção de imagens específicas; em consequência, a aceitação de valores determinados que as imagens selecionadas possuem é muito maior em relação aos valores das que não foram escolhidas. Para incentivar a representação é necessário um estímulo, que pode ter como raízes preceitos de natureza política, ética, ideológica, religiosa e comportamental; ao mesmo tempo, a representação tem o potencial de produzir efeitos nestes mesmos campos.

---

<sup>34</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 80-82.

<sup>35</sup> Cabe ressaltar que, mesmo afirmando isto, Williams vê *North and South* como uma obra menos interessante do que *Mary Barton*, pelo fato do primeiro romance focar nas “atitudes para com o operariado” e não na reprodução das ideias e opiniões dos operários sobre si e sobre as condições em que vivem. Ver WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p. 109.

<sup>36</sup> PESAVENTO, op. cit., p. 39.

Roger Chartier foi um dos pioneiros no desenvolvimento do conceito de representação na historiografia. Segundo este autor, tal conceito é uma ferramenta utilizada pelas pessoas para organizar a realidade e se expressa através de certos comportamentos e práticas sociais. As representações são compostas por um grupo de significados e símbolos que são compartilhados entre um coletivo, servindo como forma de inserção mas, também, limitação. Neste contexto, o dever do historiador em relação às representações de uma dada realidade é analisá-las a partir da apreensão dos diversos significados que podem ser extraídos das fontes de pesquisa disponíveis.

Levando em consideração o conceito de representação delineado por Chartier, podemos afirmar que a literatura é uma maneira de expressão de representação, ao mesmo tempo, social e histórica. A literatura também pode ser encarada como uma “testemunha” de um período histórico; afinal, sendo uma produção sociocultural, exprime os diversos pontos que permeiam a sociedade da época em que foi criada, tais como dilemas, conflitos, questões, opiniões, pensamentos e atitudes, padrões estéticos, entre outros - mas é sempre importante ressaltar que essa expressão é sempre selecionada com base na visão de mundo de quem a compõe.

Para compreendermos as maneiras com que campo e cidade são representados em *North and South*, é preciso considerar a experiência da Inglaterra no tocante às relações entre campo e cidade. Como afirma Raymond Williams, a experiência inglesa é bastante singular por conta das mudanças precoces que tais relações sofreram, provocadas pela Revolução Industrial, em sua maioria: exemplos disto são o desaparecimento do campesinato tradicional e a perda de relevância da agricultura doméstica durante a fase imperialista da História inglesa.<sup>37</sup> Entretanto, todas estas mudanças colaboraram para que a visão inglesa sobre o campo e a vida rural permanecessem as mesmas durante séculos: Williams aponta que, mesmo após a urbanização de maior parte da sociedade inglesa, boa parte da literatura permaneceu rural por cerca de uma geração, mantendo as mesmas ideias antigas sobre o campo.<sup>38</sup>

No âmbito da literatura, a questão da idealização do campo é algo recorrente na Inglaterra: segundo Williams, uma parte disto deve-se, à nostalgia da infância do autor; porém, o desejo de retorno ao passado não serve como única explicação. A definição de “Velha Inglaterra”, de valores do campo, de bucólico e de segurança variam com o passar das épocas.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 12.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 27.

Dentre todos estes elementos, talvez o *bucólico* - bem como a alteração de seus significados na História - seja o que contribua mais para esta análise.

Para que seja possível compreender os significados atrelados ao termo bucólico, é necessário ter em mente o mito da Idade do Ouro, que se refere à existência de uma sociedade perfeita, sem maiores problemas, mas que já é algo que pertence ao passado - passado este impossível de ser definido e localizado no tempo, esta Idade do Ouro significou realidades diferentes de acordo com o período, mas que, de certa forma, sempre estiveram ligadas à vida e ao trabalho no campo. Tal percepção, afirma Williams, já está presente em *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, no século IX a.C. Contudo, tinha características específicas: sua obra “é uma epopeia da lavoura, no sentido mais amplo do termo: a prática da agricultura e do comércio no contexto de uma forma de vida em que a prudência e o esforço são considerados as virtudes fundamentais”<sup>40</sup>. Esta estrutura já se altera em textos seguintes - como nas *Bucólicas*, de Virgílio. Datadas do século I a.C., são marcadas pelo conflito entre o deleite em viver no campo e a constante preocupação com a possibilidade de abandoná-lo.

Por volta do século XVI, num período que se estenderia até meados do XVIII, o conceito de bucólico se modifica sensivelmente, pouco restando de seus significados originais. O importante, agora, é o foco na beleza da natureza, mas não a partir de quem dela depende para conseguir seu sustento; ao contrário, o ponto de vista nos textos é transferido para quem a observa com interesses diversos, científicos ou recreativos. Outra mudança é a atribuição de um caráter *romântico* e *teatral* ao bucólico; exemplo disto é o surgimento de romances e dramas pastoris, onde pastores e camponeses são representados como personagens idealizados, carregados de inocência - meros “fantoques em um entretenimento aristocrático”<sup>41</sup>. Estas alterações foram tão significativas que mantiveram-se como o significado “oficial” do termo nos séculos seguintes.

Esta noção de bucólico pode ser percebida nos primeiros capítulos de *North and South*. O começo do romance retrata a aldeia de origem de Margaret, Helstone, como um local sereno e tranquilo, marcado por uma beleza rural simples. No início da história, a protagonista está vivendo com uma tia em Londres há cerca de uma década; embora reconheça que tem sorte de viver ali, cercada de luxos, ela sente falta da liberdade de sair sozinha como fazia em Helstone, onde caminhava e visitava os camponeses. Em suas conversas com os personagens londrinos, Margaret descreve Helstone como “only a hamlet” composta por “the church and a few houses

---

<sup>40</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 31.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 12.

near it on the green—cottages, rather—with roses growing all over them”.<sup>42</sup> A aldeia parece cenário de um poema, como a própria Margaret diz: “All the other places in England that I have seen seem so hard and prosaic-looking, after the New Forest. Helstone is like a village in a poem—in one of Tennyson's poems”.<sup>43</sup>

Esta idealização persiste quando a protagonista retorna à Helstone:

It was the latter part of July when Margaret returned home. The forest trees were all one dark, full, dusky green; the fern below them caught all the slanting sunbeams; the weather was sultry and broodingly still. Margaret used to tramp along by her father's side, crushing down the fern with a cruel glee, as she felt it yield under her light foot, and send up the fragrance peculiar to it,—out on the broad commons into the warm scented light, seeing multitudes of wild, free, living creatures, revelling in the sunshine, and the herbs and flowers it called forth. This life—at least these walks—realised all Margaret's anticipations. She took a pride in her forest. Its people were her people. She made hearty friends with them; learned and delighted in using their peculiar words; took up her freedom amongst them; nursed their babies; talked or read with slow distinctness to their old people; carried dainty messes to their sick; resolved before long to teach at the school, where her father went every day as to an appointed task, but she was continually tempted off to go and see some individual friend—man, woman, or child—in some cottage in the green shade of the forest. Her out-of-doors life was perfect.<sup>44</sup>

Tudo no novo cotidiano de Margaret parece-lhe maravilhoso: a paisagem e os animais ao seu redor são exuberantes e a vida rotineira dos habitantes, em todos os seus aspectos, fascina a jovem. Entretanto, é como se ela não fizesse parte de Helstone. Mesmo que chame o campo e as pessoas que moram nele de “seus”, o olhar de Margaret sobre ele parece ser o de alguém que veio de fora e está encantando-se com as belezas da vida rural pela primeira vez, sendo que isto pode ser explicado pelo tempo que a protagonista passou vivendo fora de Helstone. Isto condiz com as mudanças na significação do bucólico que foram anteriormente mencionadas:

---

<sup>42</sup> “apenas uma aldeia” [...] “a igreja e umas poucas casas próximas no campo – chalés, na verdade – com rosas crescendo sobre todos eles”. Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 9.

<sup>43</sup> “Todos os outros lugares na Inglaterra que tenho visto parecem tão rudes e de aparência prosaica, após New Forest. Helstone é como um vilarejo em um poema – em um dos poemas de Tennyson”. Tradução minha. In: GASKELL, loc. cit.

<sup>44</sup> “Era fim de julho quando Margaret voltou para casa. As árvores de floresta eram de um verde escuro, cheio e sombrio; as samambaias abaixo delas captavam todos os oblíquos raios de sol; o tempo estava abafado e ruminantemente inerte. Margaret costumava caminhar bastante ao lado de seu pai, esmagando as samambaias com uma satisfação cruel, enquanto as sentia ceder sob seu leve pé, a exalar suas fragrâncias peculiares - caminhando pelos campos abertos, para a morna e perfumada luz, vendo multidões de criaturas selvagens e livres deleitando-se com a luz do sol, que fazia com que as ervas e flores brotassem. Esta vida - pelo menos estes passeios-realizavam todas as expectativas de Margaret. Ela tinha orgulho de sua floresta. Aquele povo era seu povo. Ela fez amizades sinceras com eles; aprendia e tinha prazer em usar suas palavras peculiares; sentia-se livre entre eles; cuidava de seus bebês; conversava ou lia com lenta distinção para os seus idosos; levava guloseimas para seus doentes; resolveu ensinar na escola, onde seu pai ia todos os dias como se a uma tarefa programada, mas ela frequentemente tentada a sair e ver algum amigo - homem mulher ou criança - em algum chalé à sombra verdejante da floresta. Sua vida fora de casa era perfeita.” Tradução minha. In: *Ibidem*, p. 15-16.

Margaret é a estrangeira que se entretém observando a paisagem rural e convivendo com os camponeses.

Adiciona-se à visão idealizada que Margaret possui sobre Helstone o desprezo que a personagem destina a pessoas que têm o comércio como trabalho, pois tal desprezo se origina da comparação com pessoas cujas profissões se relacionam, de alguma forma, com a terra. Margaret valoriza muito mais os trabalhadores do campo e seus vizinhos na aldeia, pessoas por ela consideradas simples, sem a intenção de viver com a pretensão de ser *mais do que lhes convêm ser*. Sua opinião sobre os Gormans, comerciantes que viviam nas proximidades da aldeia, é exemplo disto:

‘Gormans?’ said Margaret. ‘Are those the Gormans who made their fortunes in trade at Southampton? Oh! I’m glad we don’t visit them. I don’t like shabby people. I think we are far better off, knowing only cottagers and labourers, and people without pretence.’

‘You must not be so fastidious, Margaret, dear!’ said her mother, secretly thinking of a young and handsome Mr. Gorman whom she had once met at Mr. Hume’s.

‘No! I call mine a very comprehensive taste; I like all people whose occupations have to do with land; I like soldiers and sailors, and the three learned professions, as they call them. I’m sure you don’t want me to admire butchers and bakers, and candlestick-makers, do you, mamma?’<sup>45</sup>

O contexto histórico em que se passa o romance é peculiar justamente por se tratar de um período em que o campo, na Inglaterra, cada vez mais perdia relevância no âmbito econômico. Embora a agricultura doméstica ainda tivesse um papel importante nos primeiros anos do século XIX - segundo Williams, era responsável por mais de 90% da produção de cereais na década de 1830<sup>46</sup> -, a pobreza e as dificuldades dos trabalhadores rurais aumentaram acentuadamente após 1815, devido principalmente ao aprofundamento do caráter capitalista das atividades agrícolas, o que conseqüentemente provocaria a submissão a restrições do trabalho assalariado e do mercado. De acordo com Williams, isto tornaria o trabalhador muito mais suscetível a crises de preços e de crédito<sup>47</sup>, e fez com que muitos perdessem suas residências e trabalhos. Embora houvesse tentativas por parte dos senhores para estabilizar a situação no

---

<sup>45</sup> “ ‘Gormans?’ disse Margaret. ‘São os Gormans que fizeram fortuna no comércio em Southampton? Oh! Fico feliz que não os visitemos. Não gosto de pessoas com espírito mesquinho. Acho que estamos muito melhores sem eles, conhecendo apenas camponeses e trabalhadores, e pessoas sem pretensão.’

‘Você não deve ser tão exigente, Margaret, querida!’ disse sua mãe, pensando secretamente em um jovem e belo Mr. Gorman que ela havia uma vez conhecido na casa de Sr. Hume.

‘Não! Acredito que meu gosto é bastante compreensivo; gosto de todas as pessoas cujas ocupações têm a ver com a terra; gosto de soldados e marinheiros, e as três profissões eruditas, como são chamadas. Tenho certeza que a senhora não deseja que eu admire açougueiros e padeiros, e fabricantes de velas, não é, mamãe?’” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 17-18.

<sup>46</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 303.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 304.

campo, elas não tiveram muito efeito: a implantação do sistema Speenhamland, em 1795, e a Lei de Assistência da década de 1830, são exemplos disto. Estas iniciativas visavam assegurar aos trabalhadores e pobres sem teto um mínimo necessário para que pudessem se manter; porém, transpareciam as contradições do capitalismo agrário na Inglaterra, onde a economia baseava-se no comércio, mas a política ainda era dominada pela aristocracia e por grandes proprietários rurais.<sup>48</sup>

Embora seja algo importante de se destacar, este contexto de crise não aparece de forma clara em *North and South*: as poucas referências a uma situação difícil no campo são menções a pessoas mais humildes da paróquia a quem Margaret e o pai tinham o hábito de visitar, e, mesmo assim, Gaskell não aborda de forma profunda as condições de vida dessas pessoas nos primeiros capítulos do romance. Porém, a ideia da crise aparece, de certa forma, quando os Hale foram obrigados a abandonar Helstone devido às dúvidas do Sr. Hale em relação à religião; como ele cuidava da igreja local, sua residência era ligada ao serviço eclesiástico que exercia. A nova moradia da família é a cidade industrial de Milton, onde o Sr. Hale conseguiu um emprego como tutor de um industrial e negociante local, John Thornton.

A chegada em Milton é um choque. As primeiras impressões de Margaret ao chegar nas proximidades da cidade demonstram isso claramente:

For several miles before they reached Milton, they saw **a deep lead-coloured cloud hanging over the horizon** in the direction in which it lay. **It was all the darker** from contrast with the pale gray-blue of the wintry sky [...]. **Nearer to the town, the air had a faint taste and smell of smoke**; perhaps, after all, more a loss of the fragrance of grass and herbage than any positive taste or smell. Quick they were whirled over **long, straight, hopeless streets of regularly-built houses, all small and of brick. Here and there a great oblong too many-windowed factory stood up, like a hen among her chickens, puffing out black 'unparliamentary' smoke, and sufficiently accounting for the cloud which Margaret had taken to foretell rain.** [...] Margaret had now and then been into the city in her drives with her aunt. But there the heavy lumbering vehicles seemed various in their purposes and intent; **here every van, every waggon and truck, bore cotton**, either in the raw shape in bags, or the woven shape in bales of calico.<sup>49</sup> (grifos meus)

---

<sup>48</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 304.

<sup>49</sup> “Muitas milhas antes de chegarem a Milton, eles viram uma nuvem cor de chumbo profundo pairando sobre o horizonte na direção em que seguiam. Era muito mais escura em contraste com o cinza-azul pálido do céu invernal [...]. Mais perto da cidade, o ar tinha um leve gosto e cheiro de fumaça; talvez, mais fosse a perda da fragrância da grama e da vegetação. Logo estavam circulando pelas ruas longas e retas, de casas regularmente construídas, todas pequenas e de tijolos. Aqui e ali, erguia-se uma grande e retangular fábrica, com muitas janelas, como uma galinha entre seus pintinhos, soltando fumaça preta, suficientemente responsável pela nuvem que Margaret acreditara ser apenas um aviso de chuva. [...] Margaret já havia ido para algumas grandes cidades com sua tia. Mas, nelas, os pesados e desajeitados veículos pareciam ter diversos propósitos e intenções; aqui cada transporte, cada vagão e caminhão, transportava algodão, quer fosse em forma crua nos sacos, ou em forma tecida nos fardos de chita.” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 66-67.

Um rápido olhar sobre o trecho mencionado já é suficiente para perceber a diferença da cidade em relação ao campo no romance de Gaskell. Milton é sombria, suja e desagradável; é um triste contraste com Helstone. As fábricas possuem posição de destaque - são “galinhas” rodeadas por seus “pintinhos”, as habitações -, sendo as responsáveis por criar a ameaçadora nuvem de fumaça que flutua sobre a cidade e lhe empresta seu cheiro característico. Todas estas características podem ser observadas mesmo a alguns metros de distância de Milton; quando, de fato, os Hale adentram a cidade, outros detalhes são revelados. As ruas são largas e compridas, estando sempre cheias de veículos repletos de algodão, cru ou já trabalhado pelas fábricas; embora atrapalhem o deslocamento da família, parecem despertar certo interesse em Margaret.

A primeira descrição da cidade de Milton se assemelha com a maneira que Williams descreve uma cidade industrial:

[...] Tais cidades haviam sido construídas para servir como lugares de trabalho: fisicamente, eram dominadas pelas fábricas e máquinas, os prédios enegrecidos pela fumaça e os rios enegrecidos pelos despejos industriais; socialmente, caracterizavam-se pela disposição das residências ao redor dos lugares de trabalho, de modo que a relação dominante estava sempre presente.<sup>50</sup>

Em outro momento de *O campo e a cidade na história e na literatura*, Williams discute sobre Coketown, a cidade industrial criada por Dickens em *Hard Times*. De certa forma, a Coketown descrita por Williams se parece com Milton: ambas são cidades funcionais, planejadas para a função que executam e caracterizadas pela uniformidade de suas paisagens, nas quais as residências e as ruas são todas construídas da mesma forma e a fumaça das fábricas domina o ambiente. Assim como Milton, Coketown foi pensada com base em uma cidade industrial real: enquanto a primeira foi inspirada em Manchester, a segunda teve Preston como base. Em ambas pode-se constatar a organização de seus sistemas sociais a partir da rápida construção de ruas e residências padronizadas ao redor dos locais de trabalho.<sup>51</sup>

Entretanto, há entre Dickens e Gaskell uma diferença fundamental. A maior parte das obras de Dickens se passa em Londres - *Hard Times* é uma exceção -; Gaskell, ao contrário, trata de uma cidade verdadeiramente industrial em *North and South*, e isto é de essencial importância porque a natureza da cidade faz com que os conflitos industriais da época se mostrem de forma mais clara - o que não acontece em Londres, que também possui estes conflitos, embora apareçam de forma mais heterogênea devido à multiplicidade de profissões e

---

<sup>50</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 162.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 261-262.

aplicabilidades para o capital.<sup>52</sup> Em Milton, ao contrário, a indústria e o mercado por ela movimentado são fundamentais, e toda a importância desses elementos produz conflitos de classe muito próprios da realidade local.

### 3. 2. Cidade, dinamismo e progresso

Após instalar-se em Milton, Margaret entra em contato com uma realidade muito diferente da que estava acostumada, com classes e situações opostas às quais era próxima em Helstone. O contraste entre as famílias que a protagonista conhece - os Higgins e os Boucher, integrantes da classe operária, e os Thornton, ricos industriais - é uma das maiores expressões de conflito no romance. Os trabalhadores, seus problemas e sua realidade diária são descritos com todo o conhecimento que possivelmente Gaskell, pertencente a uma classe média baixa, havia adquirido com os trabalhos de caridade realizados ao lado do marido.

Os Higgins são a família de classe trabalhadora que mais aparece em *North and South*. É composta por três pessoas: o pai, Nicholas Higgins, e duas filhas, Bessy e Mary. Apenas o pai trabalha nas fábricas; a primeira filha deixou de trabalhar após ficar gravemente doente, e a segunda foi permitido estudar. É a partir da convivência de Margaret com os Higgins que Gaskell possibilita ao leitor conhecer o cotidiano e os percalços da classe trabalhadora da época.

Porém, mesmo que o romance se disponha a retratar as dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora, poucas páginas são dedicadas a este objetivo. Na maior parte do tempo, a história se passa no mundo dos empresários, onde o *laissez faire*, a busca pelo progresso, os jogos econômicos e o individualismo são normas - um mundo onde Margaret é estrangeira e onde, aos poucos, tenta se posicionar e expor o que pensa para Thornton. Estes dois personagens protagonizam, em diversos momentos, intensas discussões sobre os direitos e deveres de ambos trabalhadores e donos das fábricas. O desprezo inicial de Margaret para com a cidade e os negócios urbanos se desfaz aos poucos; logo, ouvir os debates relacionados a questões da economia e da indústria se torna um grande interesse seu.

[...] She was glad when the gentlemen came, not merely because she caught her father's eye to brighten her sleepiness up; but because she could listen to something larger and grander than the petty interests which the ladies had been talking about. She liked the exultation in the sense of power which these Milton men had. It might be rather rampant in its display, and savour of boasting; but still they seemed to defy the old limits of possibility, in a kind of fine intoxication, caused by the recollection of what had been achieved, and what yet should be.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 360-361.

<sup>53</sup> “[...] Ela ficou contente quando os cavalheiros retornaram, não apenas porque ela capturara o olhar de seu pai para afastar seu sono; mas porque ela poderia ouvir algo maior e mais importante do que os mesquinhos interesses

É na cidade que Margaret entra em contato com ideias desconhecidas. A cidade é o local onde toma conhecimento, a partir de Nicholas, sobre a organização dos trabalhadores para buscar o cumprimento de suas necessidades; e, a partir de Thornton, onde entra em contato com questões de ordem econômica e comercial. Tudo isso a encanta. A maior parte das conversas de Margaret com os habitantes de Milton são, de uma forma ou de outra, intelectualmente estimulantes. É algo que não nos é demonstrado durante o período em que Margaret está em Londres ou em Helstone. O surgimento de novas formas de pensar e organizar-se socialmente era algo típico da cidade - afirma Williams -, seja esse surgimento resultado de uma reação ou de um estímulo provocados pelas novas formas caóticas de vida urbana.<sup>54</sup>

Na seguinte fala do Sr. Hale, conseguimos saber um pouco mais sobre os trabalhadores da cidade e o contraste de sua condição de vida em relação aos trabalhadores rurais:

[...] I hardly know as yet how to compare one of these houses with our Helstone cottages. I see furniture here which our labourers would never have thought of buying, and food commonly used which they would consider luxuries; yet for these very families there seems no other resource now that their weekly wages are stopped, but the pawn-shop. One has need to learn a different language and measure by a different standard, up here in Milton.’<sup>55</sup>

Esta fala exprime o quanto a convivência do Sr. Hale com a realidade da cidade possui um potencial transformador no romance. Até então, podíamos ver a partir do ponto de vista de Margaret um sul mais idealizado; agora, contudo, começam a aparecer as primeiras mostras de questões negativas do campo, no caso a pobreza do trabalhador rural. Neste caso, em especial, há uma comparação entre os dois tipos de pobreza: embora, no campo, os indivíduos pobres não tenham o mesmo acesso a algumas mercadorias que os operários têm, estes últimos são dependentes do salário que recebem nas fábricas. Conseqüentemente, quando não o recebem, são afetados de maneira tão profunda que se tornam miseráveis e não lhes resta quase nenhum meio alternativo para viver, com exceção da penhora de alguns de seus poucos bens. Neste sentido, o trabalhador da cidade possui alguns pontos fracos em relação ao trabalhador do

---

dos quais que as senhoras haviam falado. Ela gostava da exultação no sentido de poder que esses homens de Milton possuíam. Podia ser bastante inflamado em sua demonstração, e com sabor de insolência; mas ainda assim eles pareciam desafiar os antigos limites da possibilidade, numa espécie de fina intoxicação, causada pela lembrança do que havia sido alcançado, e do que ainda deveria ser.” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 193.

<sup>54</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 376.

<sup>55</sup> “Mal sei ainda como comparar uma dessas casas [do trabalhador de Milton] com nossas cabanas de Helstone. Vejo móveis aqui que os nossos trabalhadores nunca teriam pensado em comprar, e comida comumente usada que eles iriam considerar luxos; ainda assim para estas mesmas famílias parece não haver outro recurso agora que seus salários semanais estão suspensos [pela greve], senão a loja de penhores. Temos que aprender uma linguagem diferente, e medir por um padrão distinto, aqui em Milton.” Tradução minha. In: GASKELL, op. cit., p. 187-188.

campo; como bem afirma o Sr. Hale, é preciso analisar as duas realidades de maneiras distintas, atentando para suas peculiaridades.

A vivência da cidade também modifica as percepções de Margaret em relação a Helstone. Se antes a jovem idealizava o sul rural, utilizando-o para criticar Milton, podemos constatar que sua visão muda gradualmente. Ao final do romance, por exemplo, Margaret consegue convencer Higgins a não ir para o sul em busca de um trabalho melhor:

‘[...] I owe it to you — since it’s my way of talking that has set you off on this idea — to put it all clear before you. You would not bear the dullness of the life; you don’t know what it is; it would eat you away like rust. Those that have lived there all their lives, are used to soaking in the stagnant waters. They labor on from day to day, in the great solitude of steaming fields — never lifting up their poor, bent, downcast heads. The hard spadework ribs them of their brain of life; the sameness of their toil deadens their imagination... they go home brutishly tired, poor creatures! caring for nothing but food and rest.’<sup>56</sup>

Diferentemente de outros momentos do romance, aqui Margaret define o sul como um lugar monótono, onde seus moradores mais pobres dependem do duro trabalho no campo para sobreviver - tornando-se, em consequência da natureza de suas atividades, pessoas ignorantes e sem motivação para mudar a situação em que estão. A ignorância vinculada à vida no campo aparece novamente no livro quando Margaret retorna a Helstone e ouve a história de uma moça que havia tido seu gato sacrificado pela vizinha por conta de uma crendice local - a de que os gritos do animal, ao ser queimado vivo, seriam capazes de invocar forças malignas para atender aos desejos de seu executor.

[...] The poor woman evidently believed in its efficacy; her only feeling was indignation that her cat had been chosen out from all others for a sacrifice. Margaret listened in horror; and endeavoured in vain to enlighten the woman’s mind; but she was obliged to give it up in despair. Step by step she got the woman to admit certain facts, of which the logical connexion and sequence was perfectly clear to Margaret; but at the end, the bewildered woman simply repeated her first assertion, namely, that ‘it were very cruel for sure, and she should not like to do it; but that there were nothing like it for giving a person what they wished for; she had heard it all her life; but it were very cruel for all that.’ Margaret gave it up in despair, and walked away sick at heart.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> “[...] Eu devo isso ao senhor - uma vez que foi meu modo de falar que lhe deu essa ideia - de esclarecer tudo diante do senhor. O senhor não iria suportar a monotonia daquela vida; o senhor não sabe como ela é; isto iria o corroer como ferrugem. Aqueles que viveram lá toda a sua vida, estão acostumados a ficar de molho em águas estagnadas. Eles se mantêm trabalhando, dia após dia, na grande solidão de campos cobertos de névoa - nunca levantando as pobres cabeças, curvadas e abatidas. A dureza da vida do trabalho na enxada rouba-lhes centelhas de vida e seus cérebros se paralisam; a mesmice da sua labuta enfraquece a sua imaginação... eles vão para casa brutalmente cansados, pobres criaturas! não se preocupando com nada além de comida e descanso.” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 364.

<sup>57</sup> “[...] A pobre mulher evidentemente acreditava em sua eficácia; seu único sentimento era a indignação de que seu gato houvera sido escolhido entre todos os outros para um sacrifício. Margaret ouviu com horror; e se esforçou

Chocada com a reação da moça ante o ocorrido, Margaret faz diversas tentativas de explicar-lhe *logicamente* que magia e superstições do tipo não possuíam efeito algum, mas seus esforços são em vão. O horror de Margaret demonstra o choque produzido por seu contato mais profundo com os moradores de Helstone e, conseqüentemente, o fim gradual da idealização que a protagonista havia construído.

Williams aponta que, a respeito da difícil situação no campo na primeira metade do século XIX, se fez comum a percepção de que apenas os trabalhadores considerados incapazes e ignorantes teriam permanecido no meio rural; aqueles “capazes” teriam decidido mudar para as cidades em busca de melhores oportunidades nas fábricas, aproveitando o crescente desenvolvimento da indústria e da urbanização.<sup>58</sup> Embora Williams não concorde com esta ideia, nuances dela aparecem no trecho de *North and South* anteriormente destacado. A ideia do campo como um local de ignorância e superstição surge após o contato de Margaret com as pessoas da cidade - que, embora não sejam representadas como extremamente cultas, parecem serem vistas como um pouco mais “superiores” por não serem supersticiosas. Quando há algo que não se encaixa desta percepção, existem justificativas para isto: os delírios religiosos de Bessy, por exemplo, são justificados pelo fato da jovem estar à beira da morte, sofrendo, e a religião ser sua única fonte de conforto.

Ao longo do romance, a autora hesita diversas vezes: no princípio o campo é retratado de maneira idealizada em comparação com a cidade, que parece lhe assustar. No fim da história, contudo, Gaskell tece comentários muito mais elogiosos para com a vida na cidade, mesmo com todas as dificuldades e problemas nela existentes. Esta rápida mudança reflete as ágeis transformações que ocorriam naquele novo mundo industrial, onde o campo, outrora símbolo da tranquilidade e do bucolismo, passa a ser encarado como atrasado e estático: a cidade industrial, por sua vez, assume o posto de espaço geográfico valorizado. A cidade representa o oposto da imobilidade rural, pois é o local onde as novidades e os avanços tecnológicos estão surgindo. Dessa forma, a presença de percepções tão vivazes sobre a época em que o romance foi escrito, bem como a existência de diferentes perspectivas sobre os espaços em suas páginas,

---

em vão para iluminar a mente da mulher; mas ela se viu obrigada a desistir em desespero. Pouco a pouco ela conseguiu que a mulher admitisse certos fatos, cuja conexão e sequência lógica eram perfeitamente claras para Margaret; mas no final, a perplexa mulher simplesmente repetiu sua primeira afirmação, isto é, que ‘era muito cruel com certeza, e ela não deveria ter que fazer isso; mas que não havia nada melhor para dar a uma pessoa o que desejava; ela havia ouvido isso toda a sua vida; mas era muito cruel tudo isso’. Margaret desistiu em desespero, e afastou-se com o coração doente.” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 466-467.

<sup>58</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 306.

faz com que *North and South* seja uma fonte histórica bastante útil, tornando possível ao historiador se aproximar das visões de mundo recorrentes naquele contexto.

## 4. RELAÇÕES ENTRE PATRÕES E OPERÁRIOS: VISÕES, CONFLITOS E DIÁLOGOS

Embora os contrastes entre campo e cidade sejam uma parte fundamental de *North and South*, as formas e as peculiaridades de uma cidade industrial são elementos ainda mais importantes - ocupando, inclusive, a maior parte do livro. A relevância dedicada a estas questões no romance faz com que seja necessário analisá-las de forma atenta, dispensando a elas o espaço adequado que o presente trabalho possibilita.

Assim, este capítulo aborda a maneira com que as singularidades da vida de patrões e operários – bem como as relações entre ambos – são representadas em *North and South*. Serão enfatizados os pontos que têm maior destaque no contexto da história, como a multidão operária e suas condições de trabalho, saúde e moradia, a vida do patrão e as ideias que este possui a respeito do mundo e da sociedade e, por fim, as duas formas de organização do trabalhador mencionadas no romance: o sindicato e a greve.

### 4. 1. A multidão trabalhadora

Em *A Era das Revoluções*, Hobsbawm caracteriza a Primeira Revolução Industrial como um acontecimento cujos efeitos apenas começariam a ser percebidos fora da Inglaterra por volta do começo da década de 1850, como o próprio título do livro demonstra. A própria expressão selecionada para nomear o acontecimento - *Revolução Industrial* - é um exemplo de seu caráter tardio; criada por socialistas ingleses e franceses na década de 1820, teria recebido influência da Revolução Francesa, apesar do *fato* já existir na Inglaterra muito antes do surgimento de um termo que o nomeasse.<sup>59</sup>

Para Hobsbawm, a Revolução Industrial foi algo que “explodiu” em algum momento indefinido da década de 1780 e que modificou sensivelmente o potencial produtivo das sociedades humanas. O processo tornou possível, pela primeira vez na História, a expansão e a multiplicação rápida, progressiva e ilimitada de bens, homens e serviços; contudo, não possuiu um momento inicial e, muito menos, final, pois as mudanças ocorridas na década de 1780 se tornaram as regras a serem seguidas, permanecendo ativas até os dias de hoje. O único ponto em que se pode demarcar algum tipo de limite se refere ao instante em que as mudanças tiveram

---

<sup>59</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 58.

o poder de modificar a economia até um estágio de industrialização e de produção consideráveis para as possibilidades tecnológicas de sua época. Dessa forma, utilizando o exemplo da Grã-Bretanha, Hobsbawm define o início da Primeira Revolução Industrial por volta da já citada década de 1780, apontando seu fim na década de 1840, momento em que as ferrovias e a indústria pesada começavam a despontar.<sup>60</sup>

Com o desenvolvimento e aprimoramento tecnológico produzido pela Revolução Industrial, foi possível ampliar a fabricação de produtos, conseqüentemente gerando milhares de postos de trabalho. Porém, ao mesmo tempo em que tal avanço trouxe consigo pontos positivos, também produziu problemas, principalmente no que se refere àqueles que trabalhavam nas fábricas e suas relações conflituosas com os patrões, em geral por conta de questões como salários e condições de trabalho.

Segundo Hobsbawm, a Revolução Industrial - considerado por ele o mais importante evento histórico ocorrido após a invenção da agricultura e o surgimento das cidades<sup>61</sup> - iniciou-se na Grã-Bretanha por este local reunir as condições apropriadas para tanto. Porém, isto não se deveu a uma “superioridade” britânica nos âmbitos tecnológico e científico, mas sim a questões estruturais, como a transformação do lucro privado e do desenvolvimento econômico em políticas de governo, o enfraquecimento do campesinato britânico, o quase total direcionamento da atividade agrícola para o mercado e a dispersão das manufaturas pelo interior.<sup>62</sup> O autor elenca outros elementos, como uma economia bem estruturada e um Estado competitivo, que também contariam como vantagens na tentativa de obter mercados concorrentes no exterior. Exemplo disso é o avanço da indústria algodoeira e suas relações com o comércio nas colônias.<sup>63</sup>

A indústria algodoeira britânica havia sido criada pelo comércio colonial, comércio este que colaborava para mantê-la na ativa - especialmente através da compra e venda de escravos. As plantações nas Índias Ocidentais - as ilhas caribenhas das Antilhas - eram ao mesmo tempo os maiores fornecedores de matéria-prima e os maiores compradores desta indústria, pois os plantadores de algodão adquiriam imensas quantidades de tecidos ingleses. Hobsbawm exemplifica, em números, a intensidade do desenvolvimento desta indústria:

Em termos de vendas, a revolução industrial pode ser descrita, com a exceção dos primeiros anos da década de 1780, como a vitória do mercado exportador sobre o

---

<sup>60</sup> HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 59-60.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 60.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 66.

doméstico: ao redor de 1814, a Grã-Bretanha exportava cerca de quatro jardas de tecido de algodão para cada três usadas internamente, e, por volta de 1850, treze para cada oito. [...] Em 1820, a Europa, mais uma vez aberta às livres importações da ilha, adquiriu 128 milhões de jardas de tecidos de algodão britânicos; a América, fora os Estados Unidos, a África e a Ásia adquiriram 80 milhões; mas ao redor de 1840 a Europa adquiriu 200 milhões de jardas, enquanto as áreas "subdesenvolvidas" adquiriram 529 milhões.<sup>64</sup>

Dessa forma, é possível ter noção da ampla dimensão que a indústria algodoeira britânica havia atingido em um relativamente curto espaço de tempo (cerca de trinta e seis anos). Também pode-se perceber a importância dos mercados de áreas consideradas “subdesenvolvidas” em relação aos europeus, pois o volume de compras dos primeiros supera em mais da metade a quantidade de mercadoria adquirida pelos últimos; o autor, inclusive, destaca o caso da América Latina, que após as independências do século XIX passou a depender quase exclusivamente da Grã-Bretanha no âmbito econômico.<sup>65</sup>

O algodão foi a força principal para o avanço da revolução industrial britânica, sendo até a década de 1830 a única área da indústria local em que a fábrica dominava. Sua importância para a economia britânica era tamanha que suas variações de preço influenciavam diretamente a balança comercial. Entretanto, o avanço da indústria do algodão também trazia problemas, como a estagnação e até mesmo declínio da renda nacional britânica entre as décadas de 1830 e 1840 - o que, conseqüentemente, alimentou levantes de trabalhadores e gerou, por exemplo, os movimentos cartistas na Grã-Bretanha.<sup>66</sup>

Este mundo pós “explosão” da Revolução Industrial trouxe consigo mudanças significativas para a sociedade a partir de então, em especial o acentuado avanço do processo de urbanização e o surgimento da grande cidade. Como bem afirma Hobsbawm, a cidade da época “era sem dúvida o mais impressionante símbolo exterior do mundo industrial”<sup>67</sup>, embora não fossem tão grandes - nem mesmo para os padrões da época. Uma cidade considerada grande não era, necessariamente, uma cidade que dependia apenas da indústria, assim como uma cidade de caráter industrial não era obrigatoriamente populosa.

O lugar onde as novas dinâmicas da vida na cidade se manifestam de forma mais vigorosa é a rua. Maria Stella Bresciani aponta que a rua do século XIX é o local por excelência da multidão, um fenômeno novo que atraía a atenção dos habitantes da época. Como salienta a autora:

---

<sup>64</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 68-69.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 74-75.

<sup>67</sup> *Idem*. *A Era do Capital: 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2013. p. 319.

[...] Milhares de pessoas deslocando-se para o desempenho do ato cotidiano da vida nas grandes cidades compõem um espetáculo que, na época, incitou ao fascínio e ao terror. Gestos automáticos e reações instintivas em obediência a um poder invisível modelam o fervilhante desfile de homens e mulheres e conferem à paisagem urbana uma imagem frequentemente associada às ideias de caos, de turbilhão, de ondas, metáforas inspiradas nas forças incontroláveis da natureza. [...] Permanecer incógnito, dissolvido no movimento ondulante desse viver coletivo; ter suspensa a identidade individual, substituída pela condição de habitante de um grande aglomerado urbano; ser parte de uma potência indiscernível e temida; perder, enfim, parcela dos atributos humanos e assemelhar-se a espectros: tais foram as marcas analisadas aos componentes da multidão [...].<sup>68</sup>

Segundo Bresciani, as análises realizadas sobre a multidão no século XIX poderiam tanto ser de caráter positivo quanto negativo. Como exemplo, a autora cita Edgar Allan Poe e seu conto *O homem das multidões*, que traz uma visão favorável acerca da agitação da multidão londrina através dos olhos de um visitante fascinado, que se preocupa em analisar minuciosamente cada pessoa que compõe as aglomerações nas ruas<sup>69</sup>; em contraste, é mencionada a percepção de Friedrich Engels, que se assusta com a concentração de indivíduos nas ruas de Londres. As pessoas se empurram enquanto se deslocam, parecendo se importar apenas com seus próprios interesses - algo que, para Engels, define a multidão como símbolo da indiferença e do isolamento humanos na cidade.<sup>70</sup>

A multidão também aparece em *North and South*, sendo composta em sua quase totalidade pelos trabalhadores. A partir do ponto de vista de Margaret - a “estrangeira” -, a multidão e, conseqüentemente, os trabalhadores das fábricas em Milton nos são apresentados. O juízo feito sobre eles depende em muito do fato de Margaret ser uma recém-chegada em um ambiente, até então, totalmente oposto ao que estava acostumada. A aglomeração de pessoas nas ruas proporciona à protagonista uma série de novas experiências:

The side of the town on which Crampton lay was especially a thoroughfare for the factory people. In the back streets around them there were many mills, out of which poured streams of people two or three times a day. Until Margaret had learnt the times of their ingress and egress, she was very unfortunate in constantly falling in with them. **They came rushing along with bold, fearless faces, and loud laughs and jests, particularly aimed at those who appeared to be above them in rank or station. The notes of their unrestrained voices, and their carelessness of all common rules of street politeness, frightened Margaret a little at first. The girls, with their rough, but not unfriendly freedom, would comment on her dress, even touch her shawl or gown to ascertain the exact material;** nay once or twice she was asked questions relative to some material which they particularly admired. There was such a simple reliance on her womanly sympathy with their love of dress, and on her kindliness, that she gladly replied to these inquiries, as soon as she understood them;

---

<sup>68</sup> BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no Século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. p. 10-11.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 24.

and half smiled back at their remarks. **She did not mind any number of girls, loud and boisterous though they might be. But she alternately dreaded and fired up against the workmen, who commented not on her dress, but on her looks, in the same open, fearless manner.** She, who had hitherto felt that even the most refined remark on her personal appearance was an impertinence, had to endure undisguised admiration from these outspoken men. But the very outspokenness marked their innocence of any intention to hurt her delicacy, as she would have perceived if she had been less frightened by the disorderly tumult. (grifos meus).<sup>71</sup>

Relembrando os autores mencionados por Bresciani que construíram análises sobre as multidões da cidade, podemos dizer que a visão de Gaskell se aproxima mais da de Poe. No trecho anteriormente destacado, as principais características dos trabalhadores descritas são sua maneira direta - e um tanto rude - de se comunicar, bem como sua “insubordinação” a seus superiores no trabalho, expressa na forma de piadas; contudo, nada disto é visto com tons negativos. Mesmo os homens, que são descritos como mais invasivos ao comentar sobre a aparência de Margaret, são caracterizados como inofensivos - sendo justamente a franqueza destes homens o que deixa claro sua ingenuidade, não percebida pela protagonista assustada com a aglomeração de pessoas. Relacionando com o que nos diz Bresciani, é a própria multidão que deixa Margaret assustada; contudo, a falta de polidez, as conversas altas e o deboche dos trabalhadores explicita o abismo social existente entre eles e a protagonista. À multidão falta o *autocontrole* com o qual Margaret está acostumada.

A preocupação em garantir um autocontrole do comportamento foi algo inicialmente assumido pelas elites da Europa. Como salienta Norbert Elias em *O processo civilizador*, os instintos humanos foram acomodados através de um conjunto de normas e proibições. Assim, os instintos eram contidos de maneira que suas manifestações apenas deveriam aparecer de forma isolada, em sonhos ou em explosões ocasionais que passaram a ser classificadas como

---

<sup>71</sup> “O lado da cidade em que Crampton ficava era especialmente uma passagem para as pessoas das fábricas. Nas ruas atrás de sua casa havia muitas fábricas, de onde emanavam torrentes de pessoas duas ou três vezes por dia. Até que Margaret houvesse aprendido os tempos de sua entrada e saída, ela se sentia muito infeliz por frequentemente encontrar-se com eles. Os operários vinham apressados, com rostos ousados e destemidos e risadas e galhofas altas, especialmente destinadas a quem parecia estar acima deles em nível de posição social. Os tons de suas vozes incontinentes e sua falta de cuidado com todas as regras comuns de polidez, assustavam Margaret um pouco no início. As moças, com suas rudes, mas não hostis liberdades, comentavam sobre o vestido dela, até tocavam no seu xale ou vestido para averiguar seu material; uma ou duas vezes ela foi questionada sobre algum material que elas particularmente admirado. Havia uma simples confiança na empatia feminina daquelas jovens, com o seu amor por vestidos e, em sua bondade, que ela prontamente respondeu a estas perguntas, assim que ela as entendia, e sorria ligeiramente com os comentários delas. Ela não se importava em encontrar qualquer número de moças, por mais tempestuosas e falantes que elas pudessem ser. Mas ela, algumas vezes, temia e se exasperava contra os trabalhadores, que não comentavam sobre seu vestido, mas sobre sua aparência, da mesma forma aberta e destemida. Ela, que tinha até então considerava mesmo a observação mais refinada sobre sua aparência pessoal como uma impertinência, teve de suportar a admiração indisfarçada daqueles homens tão sinceros. Mas a própria franqueza marcava a inocência deles de qualquer intenção de machucar a delicadeza dela, como ela teria percebido se ela houvesse ficado menos assustada com o desordenado tumulto.” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 81.

patológicas. A agressividade e o prazer na destruição do outro, por exemplo, foram limitadas de forma a aparecerem somente através de maneiras mais discretas, com exceção de contextos de revolta social.<sup>72</sup>

Esta restrição comportamental é algo típico do mundo moderno, estando relacionada com a existência de uma estrutura social capaz de controlar as emoções do indivíduo. Com o surgimento das monarquias absolutistas, surgem em toda a Europa as cortes reais, que a partir de então servem como modelo de estilo e comportamento para o resto da sociedade. A mais influente delas foi a francesa, que difundiu gostos, modos de falar, agir e se comportar. Da mesma forma, foi a partir da vida na corte que surgiram a autodisciplina e o autocontrole: isso se deve à necessidade dos cortesãos de se destacar e buscar benefícios junto ao príncipe/senhor de uma maneira não-violenta – se distanciando do que ocorria na Idade Média, onde não se buscava controlar os impulsos emocionais.<sup>73</sup>

Segundo Elias, não há como afirmar que esta decisão de reprimir o comportamento para níveis “aceitáveis” foi pensada de maneira intencional por alguém ou por algum grupo; sua conclusão é a de que o fenômeno simplesmente aconteceu, sem qualquer tipo de planejamento.<sup>74</sup> Assim, o autocontrole pode ter surgido a partir do entrelaçamento de planos e impulsos emocionais e racionais de diversos indivíduos, que, em conjunto, teria feito surgir uma ordem social a ser seguida. As funções sociais de cada indivíduo se diferenciavam cada vez mais devido à pressão da competição; dessa forma, tais funções aumentavam de número, e com elas aumentava o número de pessoas que as praticavam, fazendo com que um indivíduo passasse a depender cada vez mais da execução das funções sociais de outras pessoas. Assim, com a ampliação das funções sociais, aumenta também a importância de manter a ordem social através do controle da conduta individual. Com o passar dos séculos, esta necessidade de restringir a conduta foi cada vez mais inculcada no indivíduo, desde sua infância, e foi se tornando cada vez mais complexa e importante para a convivência no meio social – tanto que fez com que surgissem diversos mecanismos, conscientes e inconscientes, de autocontrole.<sup>75</sup>

Meios como o ensino de boas maneiras ou o ato de assistir competições como jogos de futebol, por exemplo, colaboram para cumprir a repressão dos impulsos, impedindo-os de

---

<sup>72</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 190-191.

<sup>73</sup> Idem. *O processo civilizador*. v. II: Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 17-18.

<sup>74</sup> Ibidem, p. 193.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 195-196.

concretizar-se fisicamente ou deslocando-os para outras atividades; a única forma adequada de viver estes impulsos é justamente ser o espectador. Ações ou até mesmo gestos são vistos como algo negativo:

É altamente característico do homem civilizado que seja proibido por autocontrole socialmente inculcado de, espontaneamente, tocar naquilo que deseja, ama, ou odeia. Toda a modelação de seus gestos - pouco importando como o padrão possa diferir entre as nações ocidentais no tocante a detalhes - é decisivamente influenciada por essa necessidade. Já mostramos páginas atrás como o emprego do sentido do olfato, a tendência de cheirar o alimento ou outras coisas, veio a ser restringido como algo animal. Aqui temos uma das interconexões através da qual um diferente órgão dos sentidos, o olho, assume importância muito específica na sociedade civilizada. De maneira semelhante à da orelha, e talvez ainda mais, o olho se torna um mediador do prazer precisamente porque a satisfação direta do desejo pelo prazer foi circunscrita por grande número de barreiras e proibições.<sup>76</sup>

Assim, na civilizada sociedade moderna, o olhar assume uma posição de importância em detrimento do toque. A necessidade do autocontrole faz com que o toque seja considerado como algo rude e valoriza o olhar por ser partir dele que o indivíduo tem a possibilidade de satisfazer seus instintos sem depender de atos impulsivos. A partir disto, podemos compreender porque Margaret considera o toque das moças em suas roupas como algo rude, mesmo que as intenções delas demonstrassem uma inocente curiosidade. Da mesma forma, os homens se apavoram porque ousam *comentar* sobre sua aparência, ultrapassando os limites civilizados impostos pelo olhar.

Gaskell procura construir seus trabalhadores ficcionais com grande riqueza de detalhes, utilizando-se de maneirismos linguísticos e termos específicos como a principal forma de diferenciar os personagens que integram a classe trabalhadora do restante. De acordo com Raymond Williams, a procura por transcrever a pronúncia das palavras da maneira mais fiel possível sinaliza a ocorrência, em fins do século XIX, de uma importante mudança na literatura. Primando pela fidelidade na transcrição dos diálogos e evitando a ridicularização/julgamento das falas dos personagens, esta nova forma de escrever confere uma maior legitimidade à história narrada. Williams sinaliza que estas mudanças ocorreram de forma mais intensa apenas na década de 1890, estando necessariamente ligadas ao surgimento de uma nova forma narrativa: a do narrador “profissional”, que se encontra afastado dos acontecimentos retratados no romance.<sup>77</sup> Suas observações a respeito da procura pela fidelidade nas falas de personagens

---

<sup>76</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 200.

<sup>77</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 370-371.

podem ser aplicadas no caso de *North and South*, mesmo que, no caso deste romance, não seja possível apontar a existência da forma narrativa anteriormente citada.

Em *North and South*, as principais diferenciações feitas entre as falas dos trabalhadores e a de outros personagens são o encurtamento de algumas palavras ou mesmo sua transcrição com erros ortográficos. A frase a seguir é exemplo disto: “Thank yo, Miss. Bessy'll think a deal o' them flowers; that hoo will; and I shall think a deal o' yor kindness. Yo're not of this country, I reckon?”<sup>78</sup>

Esta frase, proferida por Nicholas Higgins, traz alguns dos termos que mais comumente passam por este processo no romance: “you” aparece encurtado para “yo”, e conseqüentemente, “you're” e “your” se transformam, respectivamente, em “yo're” e “yor”. A palavra “of”, também sofre alterações, sendo transformada simplesmente em “o”. No romance também é frequente que alguns termos são substituídos por outros - “hoo”, no lugar do pronome “she”, é um dos exemplos mais comuns, geralmente utilizado por Nicholas. É o que acontece neste trecho:

‘Aye, aye,’ said the father, impatiently, ‘hoo'll come. Hoo's a bit set up now, because hoo thinks I might ha' spoken more civilly; but hoo'll think better on it, and come. I can read her proud bonny face like a book. Come along, Bess; there's the mill bell ringing.’<sup>79</sup>

Estes pequenos detalhes são preciosos, pois são capazes de transportar para as páginas do romance a diversidade que compunha o cotidiano de uma cidade industrial. O fato de estarem presentes ali por si sós, sem comentários de quaisquer natureza, traduzem a preocupação de Gaskell em retratar a realidade que conhecia da forma que lhe parecia a mais próxima da oralidade popular de então.

Pouco tempo após sua chegada em Milton, Margaret estabelece amizade com os Higgins, uma família de trabalhadores composta pelo pai, Nicholas Higgins, e pelas filhas, Bessy e Mary. Apenas Nicholas trabalha nas fábricas; a primeira filha deixou de trabalhar após ficar gravemente doente, e à segunda foi permitido estudar. É principalmente a partir da

---

<sup>78</sup> “Obrigado, senhorita. Bessy gostou muito dessas flores; isso sim; e eu irei gostar muito de sua bondade. A senhorita não é dessa região, eu acho?” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 82.

<sup>79</sup> “‘Sim, sim’, disse o pai, impaciente, ‘ela virá. Ela está um pouco tímida agora, porque ela pensa que eu poderia ter falado mais civilmente; mas ela irá pensar melhor sobre isso, e virá. Sou capaz de ler seu belo rosto orgulhoso como um livro. Venha, Bess; o sino da fábrica está tocando.’”. Tradução minha. In: *Ibidem*, p. 84.

convivência de Margaret com os Higgins que Gaskell possibilita ao leitor conhecer o cotidiano e os percalços da classe trabalhadora da época. Uma forma notável de representar tais dificuldades reside no contraste das vidas de Bessy e Margaret. As duas têm a mesma idade - dezanove anos -, mas não a mesma qualidade de vida. Bessy apenas conhece uma realidade triste e miserável: tendo ficado órfã muito jovem, obrigou-se a trabalhar nas fábricas para poder manter a irmã na escola e, em consequência disso, adoeceu. Por sua vez, Margaret teve a felicidade de crescer sem dificuldades, em ambientes confortáveis de Londres e Helstone. É a partir das falas de Bessy que podemos tomar maior conhecimento sobre as condições de trabalho nas fábricas têxteis. Neste trecho, em especial, Bessy conta a Margaret como ficou doente:

[...] I began to work in a carding-room soon after, and the fluff got into my lungs and poisoned me.'

'Fluff?' said Margaret, inquiringly.

'Fluff,' repeated Bessy. 'Little bits, as fly off fro' the cotton, when they're carding it, and fill the air till it looks all fine white dust. They say it winds round the lungs, and tightens them up. Anyhow, there's many a one as works in a carding-room, that falls into a waste, coughing and spitting blood, because they're just poisoned by the fluff.'

'But can't it be helped?' asked Margaret.

'I dunno. Some folk have a great wheel at one end o' their carding-rooms to make a draught, and carry off th' dust; but that wheel costs a deal o' money—five or six hundred pound, maybe, and brings in no profit; so it's but a few of th' masters as will put 'em up; and I've heard tell o' men who didn't like working places where there was a wheel, because they said as how it mad 'em hungry, at after they'd been long used to swallowing fluff, to go without it, and that their wage ought to be raised if they were to work in such places. So between masters and men th' wheels fall through. I know I wish there'd been a wheel in our place, though.'<sup>80</sup>

O texto expõe a insalubridade do ambiente da fábrica, onde os resíduos da matéria-prima - o algodão cardado - agrediam de forma intensa a saúde dos trabalhadores. A roda serviria para melhorar a condição de trabalho nas fábricas através da ventilação do ambiente; porém, era percebida de maneira negativa por ambos trabalhadores e patrões. No caso dos últimos,

---

<sup>80</sup> “[...] Eu comecei a trabalhar em uma sala de cardação logo depois, e a penugem entrou em meus pulmões e me envenenou.

‘Penugem?’ disse Margaret, interrogativamente.

‘Penugem’, repetiu Bessy. ‘Pedacinhos pequenos, que voam do algodão, quando eles o estão cardando, e enchem o ar até que ele pareça uma poeira branca fina. Eles dizem que se acumula em volta dos pulmões, e os aperta. De qualquer forma, há muitos que trabalham na sala de cardação, que acabaram destruídos, tossindo e cuspidando sangue, porque foram envenenados pela penugem.’

‘Mas como isso pode ser evitado?’ perguntou Margaret.

‘Não sei. Algumas pessoas têm uma grande roda em um canto das salas de cardação para fazer uma corrente de ar e levar a poeira para fora; mas essa roda custa muito dinheiro - quinhentas ou seiscentas libras, talvez, e traz quase nenhum lucro; por isso é que apenas alguns dos patrões as colocaram; e eu já ouvi falar que os homens não gostam de trabalhar em lugares onde há uma roda, porque dizem que sentem mais fome, depois de se acostumar a engolir penugem, para ficar sem ela, e que seu salário deveria ser aumentado se fossem trabalhar em tais lugares. Assim, entre patrões e empregados as rodas caem. No entanto, eu sei que eu gostaria que houvesse sido uma roda em nosso lugar.’” In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 118-119.

como uma roda era cara e não rendia lucros, poucos a instalavam em suas fábricas. Em uma triste ironia, a maioria dos trabalhadores não aprovava a roda, pois o objeto lhes fazia sentir fome após terem se acostumado a engolir a penugem residual da cardagem.

De acordo com Edward P. Thompson, a saúde do trabalhador adulto não era, necessariamente, muito pior do que a média da população - embora deva-se recordar que, mesmo que se leve em consideração uma suposta melhora nas condições de saúde provocada pelo aumento da produção durante a Revolução Industrial, os indivíduos que colaboraram em maior parte para o crescimento desta produção não tiveram a chance de aproveitar a melhoria da situação sanitária.<sup>81</sup> Não eram os trabalhadores adultos que mais sofriam, mas sim seus filhos, muito provavelmente devido à sua prematura exposição a um ambiente de condições inadequadas e, principalmente, com a ausência de cuidados adequados para com bebês recém-nascidos. Thompson enumera algumas das situações mais comuns: o retorno das mães as fábricas três semanas após o parto - ou até mesmo antes - por conta do temor em perder o emprego; a presença de recém-nascidos em ambientes fabris, em algumas cidades, para que as mães pudessem amamentá-los; o desconhecimento geral relacionado a saúde e doenças combinado com a crença em superstições; o uso de narcóticos para deixar os bebês em silêncio. Crianças pequenas ficavam com parentes, frequentemente sem muitas condições de cuidá-las de forma adequada - em geral, mulheres idosas ou outras crianças um pouco mais velhas, que não podiam trabalhar nas fábricas.<sup>82</sup>

Estas situações às quais estavam sujeitas as crianças tiveram, como consequência, o aumento nas taxas de mortalidade infantil. Citando G. C. Holland, Thompson diz que, em uma pesquisa feita em Manchester no ano de 1833, dos 3.166 filhos de fiandeiros casados, “1.922, ou 60,5% do total, ainda viviam, enquanto 1.244, ou 39,5%, tinham morrido”<sup>83</sup>; conseqüentemente, o autor supõe que estes 39,5% se transformaram em 50% quando as crianças da pesquisa completaram (ou não) cinco anos de idade.<sup>84</sup> Embora Thompson não estabeleça nenhuma correlação clara, é possível concluir, a partir das informações até então vistas, que as crianças que conseguiam sobreviver aos primeiros cinco anos após seu nascimento eram mais facilmente prejudicadas após começarem enfim a trabalhar nas fábricas. As menções do autor

---

<sup>81</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. II, p. 196.

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>83</sup> G. C. HOLLAND apud THOMPSON, op. cit., p. 196.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 96.

ao alto índice de trabalhadores com deformidades físicas e com menor vigor podem servir para confirmar isto.<sup>85</sup>

É importante salientar que a indústria algodoeira - a principal atividade econômica de Milton em *North and South* - é considerada por Thompson como um dos locais onde as condições de trabalho eram as mais inadequadas. Como exemplo, o autor aponta uma citação de um médico da época, Thackrah, sobre os operários das fábricas de algodão, por eles percebidos como “[...]uma raça degenerada - seres humanos atrofiados, debilitados e corrompidos - homens e mulheres que não conhecerão a velhice, crianças que nunca serão adultos saudáveis”.<sup>86</sup> Thompson chega a mencionar a existência de uma ligeira melhora após a década de 1830, quando foram tomadas medidas como a limitação das horas trabalhadas, o emprego de estruturas protetoras para as máquinas e o aprimoramento na ventilação e na limpeza dos ambientes de trabalho.<sup>87</sup>

*North and South* foi publicado cerca de duas décadas após o estabelecimento destas mudanças; Bessy menciona a instalação de uma roda para ventilação nos setores de cardagem de lã, como vimos anteriormente. Porém, no romance, isto não parece ter surtido um efeito muito intenso, pois a presença da roda não era unânime em todas as fábricas e havia trabalhadores, como a própria Bessy, que haviam adoecido gravemente por conta de sua ausência. Fraca demais por conta da penugem nos pulmões, Bessy para de trabalhar e morre aos dezenove anos, após passar por diversas crises de tosse, desconfortos respiratórios e febres intensas. Embora o romance não explicita, pode-se supor que a intoxicação pela penugem do algodão possa ter sido agravada por uma alimentação pobre e por doenças respiratórias prévias, como a tuberculose – ocorrências comuns à época.

Além dos Higgins, apenas outra família trabalhadora foi representada: os Boucher. A família é composta pelo pai, John, sua esposa com problemas de saúde e os oito filhos, todos com idade insuficiente para trabalhar. Vivendo em uma situação precária, os Boucher são o retrato das facetas mais duras da vida na cidade. Podemos observar a extrema dificuldade da família na seguinte fala de John, que demonstra todo seu desespero quando a greve inicia e ele não pode trazer dinheiro para casa:

‘It’s no use, Higgins. Hoo cannot live long a’ this’n. Hoo’s just sinking away—not for want o’ meat hersel’—but because hoo cannot stand th’ sight o’ the little ones clemming. Ay, clemming! Five shilling a week may do well enough for thee, wi’ but two mouths to fill, and one on ‘em a wench who can welly earn her own meat. But it’s

---

<sup>85</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. II, p. 198-199.

<sup>86</sup> THACKRAH apud THOMPSON, op. cit., p. 199.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 196.

clemming to us. An' I tell thee plain—if hoo dies as I'm 'feard hoo will afore we've gotten th' five per cent, I'll fling th' money back i' th' master's face, and say, "Be domned to yo'; be domned to th' whole cruel world o' yo'; that could na leave me th' best wife that ever bore childer to a man!" An' look thee, lad, I'll hate thee, and th' whole pack o' th' Union. Ay, an' chase yo' through heaven wi' my hatred,—I will, lad! I will,—if yo're leading me astray i' this matter. Thou saidst, Nicholas, on Wednesday sennight—and it's now Tuesday i' th' second week—that afore a fortnight we'd ha' the masters coming a-begging to us to take back our' work, at our own wage—and time's nearly up,—and there's our lile Jack lying a-bed, too weak to cry, but just every now and then sobbing up his heart for want o' food,— our lile Jack, I tell thee, lad! Hoo's never looked up sin' he were born, and hoo loves him as if he were her very life,—as he is,—for I reckon he'll ha' cost me that precious price,—our lile Jack, who wakened me each morn wi' putting his sweet little lips to my great rough fou' face, a-seeking a smooth place to kiss, —an' he lies clemming.'<sup>88</sup>

Este trecho, mais uma vez, exprime o quão intensamente as crianças eram afetadas pelos acontecimentos daquele contexto. Sem ter como alimentar a família por conta da greve, John Boucher é obrigado a ver seu filho mais jovem passando fome, tão fraco que não consegue sequer chorar. Sua esposa adoentada também sofre com a falta de comida e, embora isto também o revolte profundamente, é perceptível que sua descrição do sofrimento do pequeno Jack é bem mais dolorosa.

Outra forma de mostrar as agruras dos Boucher está na descrição de sua residência. Embora não sejam apresentados muitos detalhes sobre ela, é possível estabelecer algumas conclusões a partir do pouco que é mencionado no romance:

Margaret knocked at the closed door; but there was such a noise, as of many little ill-ordered children, that she could hear no reply; indeed, she doubted if she was heard, and as every moment of delay made her recoil from her task more and more, she opened the door and went in, shutting it after her, and even, unseen to the woman, fastening the bolt.

Mrs. Boucher was sitting in a rocking-chair, on the other side of the ill-redd-up fireplace; it looked as if the house had been untouched for days by any effort at cleanliness.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> “É inútil, Higgins. Ela não pode viver com isso tudo. Ela está apenas se afundando - não por falta de carne para ela mesma - mas porque ela não pode suportar a visão dos pequenos passando fome. Sim, passando fome! Cinco xelins pode ser bom para você, que só tem duas bocas para sustentar, e uma delas é uma garota que já pode conseguir sua própria carne. Mas nós passamos fome. E te falo com franqueza - se ela morrer como eu temo que irá antes de nós conseguirmos os cinco por cento, eu jogarei o dinheiro de volta na patrão e direi: ‘Maldito seja você; seja maldito todo o mundo cruel de vocês; que não pôde me deixar a melhor esposa que já deu filhos a um homem!’ E olha, rapaz, eu vou te odiar, e todo o bando do sindicato. Sim, e vou perseguir vocês até o paraíso com o meu ódio - eu irei, rapaz! Irei - se você me iludir nesse assunto. Você disse, Nicholas, na quarta-feira da semana passada - é agora é terça da segunda semana - que em uma quinzena teríamos os patrões vindo atrás de nós implorando para voltar ao trabalho e ao nosso salário - e o tempo está quase acabando - e nosso pequeno Jack está deitado na cama, fraco demais para chorar, mas de vez em quando soluçando em seu coração pela falta de comida, nosso pequeno Jack, eu te digo, rapaz! Ele nunca melhorou desde que nasceu, e ela [a esposa de Boucher] o ama como se ele fosse sua própria vida - e ele é -, e acho que ele haverá me custado esse preço precioso, vai tirar de mim meu bem mais precioso. Nosso pequeno Jack, que me acorda todas as manhãs, colocando seus pequenos e doces lábios em meu rosto rude, procurando um lugar macio para beijar - ele está passando fome!” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 182.

<sup>89</sup> “Margaret bateu na porta fechada; mas havia tanto barulho, como o de muitas crianças pequenas e bagunceiras, que ela não pôde ouvir resposta; de fato, ela duvidava que havia sido ouvida, e como cada instante de atraso a fazia

A residência, aqui, aparece descrita como suja, como se estivesse há dias sem ser ao menos organizada; talvez por conta do elevado número de crianças pequenas, talvez pela impossibilidade da enferma Sra. Boucher em limpá-la, ou mesmo estas duas questões somadas. O único móvel mencionado é uma cadeira de balanço, onde a mãe fica sentada ao lado da lareira fracamente acesa. As crianças estão dispersas pela casa, fazendo tanto barulho que Margaret não é ouvida por ninguém quando bate na porta. Esta breve descrição da casa dos Boucher já é o suficiente para manifestar uma ideia de caos, sujeira e deficiência estrutural; é impossível que uma família viva em uma casa daquelas de maneira adequada, ainda mais quando ela é composta por dez membros.

Thompson afirma que, durante o processo inicial de desenvolvimento da Revolução Industrial, as moradias da classe trabalhadora nas cidades industriais possuíam melhores condições do que as ocupadas por trabalhadores agrícolas - em fins do século XVIII, estas casas eram extremamente úmidas por conta de sua localização (abaixo do nível do solo) e tinham tamanho reduzido, frequentemente possuindo apenas um cômodo.<sup>90</sup> Entretanto, a qualidade de vida nestas cidades industriais foi se deteriorando com o passar dos anos. A descrição de Friedrich Engels sobre residências localizadas às margens do Irk, em Manchester, exemplifica a situação:

[...] Por toda a parte, os edifícios estão semi ou completamente em ruínas, alguns são realmente inabitáveis e isto é significativo. Nas casas quase nunca há assoalho ou mesmo ladrilhos e as janelas e as portas estão quase sempre partidas e mal ajustadas. Que sujeira! Por toda parte montes de escombros, de detritos e de imundícies; em vez de valetas, poças estagnadas e um cheiro que, por si só, impediria qualquer homem, por pouco civilizado que fosse, de ali viver.<sup>91</sup>

Algumas linhas adiante, Engels detalha o interior das residências:

Num destes buracos, que não chegava a medir seis pés de comprimento e cinco de largura, vi duas camas – e que camas! – que, com uma escada e uma lareira, enchiam todo o quarto. Em vários outros não vi absolutamente nada, se bem que a porta estivesse escancarada e os habitantes lá estivessem instalados. Diante das portas

---

se afastar ainda mais de sua tarefa, ela abriu a porta e entrou, fechando-o atrás de si, e sem ser vista pela mulher, fechou a tranca.

A Sra. Boucher estava sentada em uma cadeira de balanço, do outro lado da lareira mal acesa; a casa parecia estar intocada há dias, sem qualquer tentativa de limpeza”. Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 351.

<sup>90</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. II, p. 184.

<sup>91</sup> ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global Editora, 1986. p. 63.

encontrava-se, por toda parte, entulho e detritos; nem se podia ver se por baixo havia pavimento, limitando-nos a senti-lo com o pé em alguns locais.<sup>92</sup>

A piora na qualidade de vida se relaciona, segundo Thompson, com o veloz envelhecimento da estrutura de cidades industriais. Tal envelhecimento foi o responsável por produzir problemas de saneamento, superpopulação e distribuição de água.<sup>93</sup> Como se pode constatar a partir dos relatos de Engels, os trabalhadores eram obrigados a conviver com o lixo, escombros e esgoto empoçado nas ruas e nas portas das próprias residências; dentro delas, há a falta de espaço em algumas e a ausência de mobília em outras. Estas condições, diz Thompson, eram ainda piores justamente em distritos têxteis e cidades que recebiam grandes levas de imigrantes irlandeses, como Manchester<sup>94</sup> - cidade em que Gaskell baseou-se para criar Milton.

A questão dos trabalhadores irlandeses, inclusive, merece ser analisada. Embora seja apenas mencionado em momentos do romance, este grupo é a gota d'água para que os operários em greve de Milton explodam e invadam a fábrica de Thornton, dando curso aos acontecimentos de *North and South*. Os imigrantes irlandeses compunham parcela importante da força de trabalho na Inglaterra, chegando a compor entre um quinto e um terço da população trabalhadora em cidades industriais como Manchester e Liverpool. De acordo com Thompson, o empobrecimento irlandês que motivou o intenso fluxo migratório para a Inglaterra se deve mais à reação pós-repressão da rebelião dos Irlandeses Reunidos - ocorrida no ano de 1789 - do que a praga que atingiu as plantações durante a primeira metade do século XIX.<sup>95</sup>

A mão de obra irlandesa ficou caracterizada pelo seu baixíssimo custo, parecendo ser uma alternativa vantajosa aos patrões ingleses em caso de greve. Thompson cita, em seu texto, a seguinte frase de um fabricante de Manchester: “quando ocorre uma greve e faltam trabalhadores, mando vir da Irlanda dez, quinze ou vinte famílias...”<sup>96</sup> O mesmo é feito por Thornton em *North and South*, quando traz trabalhadores irlandeses para manter o funcionamento de sua fábrica durante a greve. Contudo, a vinda dos imigrantes irlandeses impacta profundamente as finanças de Thornton, que havia chegado ao limite de seus gastos

---

<sup>92</sup> ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global Editora, 1986. p. 63-64.

<sup>93</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. II., p. 185.

<sup>94</sup> THOMPSON, op. cit., p. 188.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 325.

<sup>96</sup> *Report on the State of the Irish Poor in Great Britain* (1836), p. viii. In: THOMPSON, op. cit., p. 328.

para trazê-los a Milton. O trabalho dos irlandeses não é rentável o suficiente para compensar o dinheiro investido:

[...] Even with his own accustomed and skilled workpeople, he would have had some difficulty in fulfilling his engagements; as it was, the incompetence of the Irish hands, who had to be trained to their work, at a time requiring unusual activity, was a daily annoyance.<sup>97</sup>

De acordo com Thompson, havia sido atribuída aos trabalhadores irlandeses uma fama negativa, que os caracterizava pela preguiça, pelo desinteresse e pela ineficácia no trabalho. Esta fama, segundo o autor, é motivada pela degradação que a população irlandesa sofreu por intermédio da economia de subsistência e o pesado sistema de arrendamento estabelecido naquela época.<sup>98</sup> Referências a esta reputação negativa são feitas, em *North and South*, no trecho destacado anteriormente e no que se segue. No primeiro deles, os irlandeses são retratados como incapazes de realizar certas atividades a não ser que fossem treinados, algo que atrapalha Thornton profundamente. O segundo trecho, por sua vez, evoca a suposta apatia irlandesa. Margaret está conversando com o pai e com Nicholas Higgins, que está determinado a buscar um trabalho para auxiliar os filhos de Boucher. Sua determinação surpreende pai e filha; após o Sr. Hale comparar Higgins a Boucher, ressaltando a falta de vontade deste último para agir, Margaret a relaciona com a presença de “sangue irlandês”:

[...] ‘There's granite in all these northern people, papa, is there not?’  
‘There was none in poor Boucher, I am afraid; none in his wife either.’  
‘I should guess from their tones that they had Irish blood in them. [...]’<sup>99</sup>

Mesmo com esta reputação, os irlandeses eram considerados valiosos por conta de sua disposição para a realização de trabalhos que demandavam grande esforço físico. Porém, este era o único elemento positivo que possuíam, aos olhos dos patrões: a ideia de que os irlandeses não eram capazes de desenvolver um raciocínio mais profundo era algo recorrente, e isto justificaria sua predominância em postos de trabalho onde a força física era mais importante. Esta ausência seria explicada por problemas de natureza “moral”, como a preocupação

---

<sup>97</sup> “[...] Mesmo com seus próprios operários acostumados e habilidosos, ele teria tido algumas dificuldades em cumprir os seus compromissos; da forma como estava, a incompetência das mãos irlandesas, que tiveram de ser treinadas para o seu trabalho, em um momento que exigia uma atividade incomum, era um aborrecimento diário.” GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 378.

<sup>98</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. II, p. 329.

<sup>99</sup> “[...] ‘Há um pouco de pedra em todas essas pessoas do norte, não é, papai?’

‘Não havia nada no pobre Boucher, temo eu; e nada em sua esposa também.’

‘Eu acredito, pelos seus sotaques, que havia sangue irlandês neles. [...]’ Tradução minha. In: GASKELL, op. cit., p. 367.

exclusiva com o presente e, em consequência, a incapacidade de pensar no futuro que seria característica dos trabalhadores de origem irlandesa.<sup>100</sup>

Também havia a desconfiança baseada no fato dos irlandeses costumarem aceitar trabalhos com pagamento muito menor e condições precárias: isto reduzia o potencial de pressão dos trabalhadores ingleses sobre os patrões. Esta incerteza se demonstrava de diferentes formas. Uma delas, por exemplo, se relacionava à dieta dos imigrantes irlandeses, composta basicamente por batatas. Nas primeiras décadas do século XIX, a batata foi um importante item na dieta do trabalhador, chegando a substituir alimentos como pão e a farinha de aveia. Citando Salaman, Thompson afirma que a presença da batata na dieta dos trabalhadores ingleses permitiu que estes sobrevivessem por um período maior sem que seus salários aumentassem, ou seja, a batata tornou mais extenso o empobrecimento da classe trabalhadora. O pão, neste contexto, tinha um símbolo de *status* e sua substituição era percebida como algo infame; tanto o era que o uso da batata era visto como uma prova de que estava em curso, na Inglaterra, um processo para empobrecer ainda mais os trabalhadores até que estes fossem reduzidos ao nível dos irlandeses, os principais consumidores do alimento.<sup>101</sup>

#### **4. 2. O patrão e suas percepções de mundo**

Além de fazer uma abordagem sobre a vida e as condições da classe operária, *North and South* se preocupa em mostrar “o outro lado” - os empregadores ou os que possuíam capital, ou seja, a burguesia. O foco no romance é na família Thornton, formada pela matriarca e seus dois filhos, John e Fanny; John Thornton comanda uma fábrica têxtil, tendo a mãe como principal conselheira na tomada de decisões financeiras.

A residência da família é um ponto de destaque na narrativa. O próprio local onde a casa foi construída - no mesmo terreno da fábrica da família - é sintomático da posição social que os Thornton assumem e serve para recordar a todos eles a origem de sua vida confortável. A descrição do interior de um dos cômodos da casa é bastante detalhada, evidenciando o poder financeiro da família:

[...] It seemed as though no one had been in it since the day when the furniture was bagged up with as much care as if the house was to be overwhelmed with lava, and discovered a thousand years hence. The walls were pink and gold; the pattern on the carpet represented bunches of flowers on a light ground, but it was carefully covered up in the centre by a linen drugget, glazed and colourless. The window-curtains were

---

<sup>100</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. II, p. 331-332.

<sup>101</sup> SALAMAN apud THOMPSON, op. cit., p. 180-181.

lace; each chair and sofa had its own particular veil of netting, or knitting. Great alabaster groups occupied every flat surface, safe from dust under their glass shades. In the middle of the room, right under the bagged-up chandelier, was a large circular table, with smartly-bound books arranged at regular intervals round the circumference of its polished surface, like gaily-coloured spokes of a wheel. Everything reflected light, nothing absorbed it. The whole room had a painfully spotted, spangled, speckled look about it, which impressed Margaret so unpleasantly that she was hardly conscious of the peculiar cleanliness required to keep everything so white and pure in such an atmosphere, or of the trouble that must be willingly expended to secure that effect of icy, snowy discomfort. Wherever she looked there was evidence of care and labour, but not care and labour to procure ease, to help on habits of tranquil home employment; solely to ornament, and then to preserve ornament from dirt or destruction.<sup>102</sup>

De acordo com Eric J. Hobsbawm em *A Era do Capital (1848-1875)*, a residência burguesa possuía importância crucial para os indivíduos integrantes deste grupo; afinal, o lar era um local onde as adversidades sociais daquela época poderiam ser esquecidos, dando lugar a uma “ilusão de alegria harmoniosa e hierárquica”.<sup>103</sup> A massiva presença de objetos também é algo comum:

A impressão mais imediata do interior burguês de meados do século é a de ser demasiadamente repleto e oculto, uma massa de objetos, frequentemente escondidos por cortinas, almofadas, tecidos e papéis de parede, e sempre muito elaborados, qualquer que fosse seu material. Nenhum quadro sem uma moldura dourada, ornamentada, entalhada ou mesmo coberta de veludo, nenhuma cadeira sem tecido de proteção, nenhuma peça de tecido sem borla, nenhuma peça de maneira sem o toque do torno mecânico, nenhuma superfície sem algum tecido ou objeto repousando em cima. Isso era sem dúvida um sinal de riqueza e *status* [...].<sup>104</sup>

O trecho acima se aproxima tanto da descrição da casa dos Thornton que parece estar referindo-se à residência ficcional. De fato, os objetos eram fundamentais para o lar burguês por diversas razões: além da função utilitária ou simbólica, estes objetos também representavam a identidade e a personalidade da vida burguesa, sendo o lar o local onde estes pontos eram expressos - o que explica a grande acumulação de itens. Os objetos deveriam ser

---

<sup>102</sup> “[...] Parecia como se ninguém houvesse estado nela desde o dia em que a mobília fora coberta com tanto esmero quanto se a casa fosse ser envolta em lava, e descoberta dali a mil anos. As paredes eram rosa e dourado; o padrão no carpete representava montes de flores em um fundo claro, mas foi cuidadosamente coberto no centro por uma alfombra de linho, acetinada e sem cor. As cortinas da janela eram de renda; cada cadeira e sofá tinha sua própria cobertura de tecido, ou tricô. Grandes grupos de alabastro ocupavam toda superfície plana, a salvo da poeira sob suas sombras de vidro. No meio da sala, logo abaixo do lustre empacotado, havia uma grande mesa circular, com livros inteligentemente encadernados e dispostos em intervalos regulares ao redor da circunferência de sua superfície polida, como travões coloridos de uma roda. Tudo refletia luz, nada absorvia. Toda a sala tinha uma aparência dolorosamente angustiante, cintilada, sarapintada, que impressionou Margaret tão desagradavelmente que ela mal era consciente da peculiar limpeza necessária para manter tudo tão branco e puro em tal atmosfera, ou do trabalho que deveria ser de bom grado despendido para garantir o efeito de glacial e gélido desconforto. Para onde quer que ela olhasse parecia não haver rastros de cuidado e de trabalho, mas não trabalho e conforto para obter conforto, ou para ajudar nos hábitos de tranquila ocupação de um lar; apenas para ornamentar, e, em seguida, para preservar o ornamento de sujeira ou destruição.” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 130-131.

<sup>103</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital: 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2013. p. 350.

<sup>104</sup> HOBBSAWM, loc. cit.

capazes de durar por muito tempo e ser belos, sendo que esta dualidade, segundo Hobsbawm, explicitava uma divisão entre material e ideal comum no mundo burguês - onde ideias e questões espirituais dependiam e podiam ser expostas pela matéria, ou pelo dinheiro que a pudesse comprar.<sup>105</sup>

Em *North and South*, porém, a preocupação maior reside não em descrever o ambiente, o vestuário ou características físicas, mas sim as relações sociais, mais notadamente as entre trabalhadores e patrões. Estas são conflituosas na maior parte do livro, e durante todo o romance podemos ver os pontos de vista de ambos os lados. O dos patrões é puramente negativo, caracterizado pelo preconceito: em geral, veem seus empregados como estúpidos no momento em que resolvem questionar a falta de aumento nos salários - afinal de contas, os trabalhadores não conseguem compreender que a queda do preço do algodão e a competição oriunda dos Estados Unidos obrigam os donos das fábricas a reduzir gastos. Como podemos ver na fala de Thornton:

[...] the Americans are getting their yarns so into the general market, that our only chance is producing them at a lower rate. If we can't, we may shut up shop at once, and hands and masters go alike on tramp. Yet these fools go back to the prices paid three years ago.<sup>106</sup>

Consequentemente, por conta de sua impulsividade, esses trabalhadores *merecem* viver na situação em que estão. O próprio Thornton afirma isso na parte inicial do romance:

[...] Now, when I feel that on my own case it is nor good luck, no merit, nor talent,— but simply the habits of life which taught me to despise indulgences not thoroughly earned,— indeed, never to think twice about them,— I believe that this suffering, which Miss Hale says is impressed on the countenances of the people of Milton, is but the natural punishment of dishonestly-enjoyed pleasure at some former period of their lives. I do not look on self-indulgent, sensual people as worthy of my hatred; I simply look upon them with contempt for their poorness of character.<sup>107</sup>

Estas noções relacionadas à ética do trabalho eram presentes em diversos discursos da sociedade inglesa da época, como os reproduzidos pela religião, pela *gentry* e pela burguesia;

---

<sup>105</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital: 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2013. p. 351-352.

<sup>106</sup> “[...] os norte-americanos estão colocando seus fios com tanta intensidade no mercado mundial, que nossa única chance é produzi-los a um preço inferior. Se não pudermos, nós podemos fechar nossas lojas de uma só vez, e tanto empregados quanto patrões irão para a mendicância. No entanto, esses tolos querem voltar aos preços pagos há três anos.” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 170.

<sup>107</sup> “[...] Agora, quando percebo que no meu caso não se tratou de boa sorte, nem mérito, nem talento, - mas simplesmente os hábitos de vida que me ensinaram a desprezar indulgências não merecidas, - de fato, nunca pensar duas vezes sobre elas, - acredito que esse sofrimento, que a senhorita Hale diz estar impresso nos rostos das pessoas de Milton, é senão o castigo natural pelos prazeres desonestamente desfrutados em algum período anterior de suas vidas. Eu não encaro as pessoas autoindulgentes e sensuais como digno de meu ódio; Eu simplesmente as vejo com desprezo por sua pobreza de caráter.” Tradução minha. In: *Ibidem*, p. 97-98.

também não é algo que se originou apenas no século XIX, tendo se manifestado pelo menos desde o século anterior. Segundo Hobsbawm, a burguesia de meados do século XIX empregava o liberalismo como base ideológica, sendo seus principais preceitos a crença na efetividade do capitalismo, na empresa privada, na tecnologia, na competitividade, na eficácia da ciência e da razão; porém, o burguês acreditava principalmente no progresso e na sua superioridade ante outros (exceto Deus e o Estado). Ele não era simplesmente um empregador ou um capitalista, mas também um senhor; era dessa forma que o burguês comandava a fábrica com severidade, pois *comandar* era essencial para a definição de sua posição dentro da classe social burguesa.<sup>108</sup>

Consequentemente, se o burguês percebia a si mesmo como superior, ao mesmo tempo existia alguém que era visto como inferior – neste caso, as classes mais baixas. Não existiam controvérsias sobre esta inferioridade, mas se discutia sobre a natureza desta: por exemplo, se tentou diferenciar, entre os mais pobres, aqueles que poderiam ser capazes de ascender socialmente para uma classe média baixa e aqueles que não o conseguiriam. O sucesso seria motivado exclusivamente ao mérito pessoal e, da mesma forma, o fracasso seria motivado pela inexistência deste mérito, bem como pela presença de uma fraqueza moral e espiritual.<sup>109</sup>

Sobre a multidão, sua percepção como extremamente impulsiva e irracional é bastante antiga. De acordo com Rudé, esta visão remonta ao século XVII e, nela, os manifestantes eram percebidos como a “escória da população”, sendo despidos de quaisquer ideias ou opiniões próprias e dignas; consequentemente, esta “ralé” podia ser facilmente manipulada por agentes externos. As razões para os levantes seriam as mais vis possíveis, tais como a ânsia por saquear, se embriagar, lucrar, ou mesmo para simplesmente derramar sangue. Tudo isto ocorreria apenas para atender a um suposto impulso criminoso atrelado aos instintos desta “turba”. Para Rudé, autores famosos como o francês Hippolyte Taine e o inglês Edmund Burke teriam, em finais do século XVIII, sido os “pioneiros” nesta forma de perceber a multidão, tendo seus trabalhos transmitido um legado que influenciaria abordagens posteriores.<sup>110</sup>

Estas ideias se manifestam, em certo grau, na fala de Thornton mencionada anteriormente. Gaskell as expõe de forma clara; porém, não é correto afirmar que a mesma concorda com elas. Embora Gaskell não se posicione claramente sobre nenhum assunto durante todo o livro, o que se pode concluir a partir do que aparece em *North and South* é que os trabalhadores de fato se organizam para atingir seus objetivos e parecem ter uma consciência

---

<sup>108</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital: 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2013. p. 371-372.

<sup>109</sup> *Ibidem*, p. 374.

<sup>110</sup> RUDÉ, George. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1730-1848)*. Rio de Janeiro: Campus, 1991. p. 6-7.

comum, como veremos em detalhes nas páginas a seguir. Por exemplo, Gaskell não faz nenhum juízo de valor sobre a greve, embora exponha as motivações dos trabalhadores como sendo racionais - uma delas é a incapacidade que os trabalhadores têm de sustentar suas famílias com a redução salarial que seus patrões ameaçam realizar. Também não retrata os trabalhadores como indivíduos de “desenvolvimento mental” reduzido: como veremos posteriormente, o final nos mostra que Higgins consegue dialogar com Thornton sobre assuntos da fábrica, e ambos conseguem buscar soluções através do trabalho em conjunto.

Embora Thornton diga não acreditar que seu sucesso seja explicado puramente por méritos, é possível ver que esta noção se faz presente quando menciona seu desprezo por benefícios que não foram conquistados. A partir da história de vida de Thornton antes de sua transformação em industrial, pode se presumir que esta “conquista” de vantagens se deu a partir da sua dedicação e de trabalho duro. O próprio personagem conta seu passado para Margaret:

[...] Sixteen years ago, my father died under very miserable circumstances. I was taken from school, and had to become a man (as well as I could) in a few days. I had such a mother as few are blest with; a woman of strong power, and firm resolve. We went into a small country town, where living was cheaper than in Milton, and where I got employment in a draper's shop (a capital place, by the way, for obtaining a knowledge of goods). Week by week our income came to fifteen shillings, out of which three people had to be kept. My mother managed so that I put by three out of these fifteen shillings regularly. This made the beginning; this taught me self-denial. [...]<sup>111</sup>

A autodisciplina de Mrs. Thornton, assim, é o elemento que explica o sucesso do filho. Foi esta disciplina que o ensinou a ter abnegação, que auxiliou no *enriquecimento* de seu caráter e que o diferencia dos trabalhadores que ameaçam entrar em greve por conta da questão salarial: estes indivíduos, por sua vez, são encarados por Thornton como profundamente emocionais. Ecoando as ideias mencionadas anteriormente, os trabalhadores são encarados por Thornton como incapazes de pensar racionalmente e, além disso, agem de forma egoísta, não se importando com a situação dos patrões. Dessa forma, Thornton percebe os trabalhadores como detentores de um caráter enfraquecido; é por isso que os vê com desprezo, julgando-os merecedores da difícil situação em que se encontram.

---

<sup>111</sup> “[...] Dezesesseis anos atrás, meu pai morreu em circunstâncias muito miseráveis. Fui retirado da escola, e tive de me tornar um homem (tão bem quanto pude) em poucos dias. Eu tenho uma mãe que poucos são abençoados em ter; uma mulher de força poderosa e firme resolução. Fomos para uma pequena cidade, onde a vida era mais barata do que em Milton, e onde consegui emprego em uma loja de tecidos (um lugar fundamental, a propósito, para obter conhecimento sobre mercadorias). Semana após semana nossa renda chegou a quinze xelins, com os quais três pessoas tiveram de ser mantidas. Minha mãe controlou tudo de um modo que eu economizasse três desses quinze xelins regularmente. Isso foi princípio; isso me ensinou abnegação. [...]” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 97

Nesta maneira de enxergar o meio social, os trabalhadores assalariados eram vistos como uma parte consideravelmente inferior, sem qualquer participação na política por conta de sua “impossibilidade” de pensar de forma racional. São percebidos mesmo com certo receio, pois, em casos excepcionais, podem se reunir para alcançar seus objetivos através do uso da força, justamente por conta de sua racionalidade imatura. Se os trabalhadores assalariados já são percebidos desta maneira, os considerados vadios são encarados como verdadeiramente perigosos; assim, a multidão - a *mob*, como menciona Bresciani - é um perigo para a humanidade.<sup>112</sup> Podemos perceber isto, em *North and South*, quando Thornton tem sua fábrica invadida pelos grevistas após a notícia de sua contratação de trabalhadores irlandeses ter se espalhado por Milton:

[...] She threw the window wide open. **Many in the crowd were mere boys; cruel and thoughtless,—cruel because they were thoughtless; some were men, gaunt as wolves, and mad for prey. She knew how it was; they were like Boucher, with starving children at home—relying on ultimate success in their efforts to get higher wages, and enraged beyond measure at discovering that Irishmen were to be brought in to rob their little ones of bread.** Margaret knew it all; she read it in Boucher's face, forlornly desperate and livid with rage. If Mr. Thornton would but say something to them—let them hear his voice only—it seemed as if it would be better than this wild beating and raging against the stony silence that vouchsafed them no word, even of anger or reproach. (grifos meus)<sup>113</sup>

A descrição da multidão em fúria lembra as antigas percepções da multidão trazidas por Rudé que foram anteriormente mencionadas neste trabalho. No trecho, de fato, os trabalhadores aparecem como feras obcecadas com a ideia de destruir suas presas ou como indivíduos cruéis que agem de forma irracional, sem pensar em quaisquer consequências. Entretanto, a proximidade com as ideias expostas se encerra neste ponto no romance. Margaret consegue ser empática com a multidão: ao ver o rosto enfurecido de John Boucher, a protagonista lembra-se do que ouviu dele e do que pôde ver quando fez uma visita à família, conseguindo entender a lógica dos trabalhadores. Estes consideram os irlandeses como *ladrões* de seus meios de

---

<sup>112</sup> BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no Século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. p. 89.

<sup>113</sup> “[...] Ela abriu a janela totalmente. Muitos na multidão eram meros garotos; cruéis e imprudentes, - cruéis porque eram imprudentes; alguns eram homens, magros como lobos, e loucos para depredar. Ela sabia como era; eles eram como Boucher, com crianças morrendo de fome em casa - contando com o sucesso final em seus esforços para obter salários mais altos, e enraivecidos além da medida ao descobrir que irlandeses seriam trazidos para roubar o pão de seus pequeninos. Margaret sabia de tudo; ela havia o lido na face de Boucher, perdidamente desesperado e lívido de raiva. Se o Sr. Thornton lhes dissesse alguma coisa - os permitir ouvir sua voz, apenas -, lhe pareceria ser melhor do que esta cólera selvagem e feroz contra o silêncio sepulcral que não lhes concedia nenhuma palavra, mesmo de raiva ou reprovação.” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 210.

sustento; a retenção do aumento salarial e a complicada conjuntura causada pelo prolongamento da greve são questões que apenas servem para inflamar a ira dos trabalhadores contra os irlandeses.

*North and South* é marcado profundamente por um tom conciliador e otimista. Neste livro não há como constatar uma possível “preferência” da autora pela classe trabalhadora ou pela classe média. Assim, devido a este tom conciliador, o romance não pôde permitir que Thornton, interesse amoroso da heroína, mantivesse ideias negativas sobre os trabalhadores.

Após a greve, Thornton está arruinado. A falência de Thornton, bem como sua convivência com Margaret, altera a forma do industrial encarar os trabalhadores. Ao fim do romance, quando Nicholas Higgins fica desempregado e recorre a Thornton por indicação de Margaret, o industrial começa a perceber que seus empregados não são tão diferentes dele mesmo; assim, não merecem seu desprezo gratuito.

[...] He and they had led parallel lives—very close, but never touching—till the accident (or so it seemed) of his acquaintance with Higgins. Once brought face to face, man to man, with an individual of the masses around him, and (take notice) out of the character of master and workman, in the first instance, they had each begun to recognise that “we have all of us one human heart.”<sup>114</sup>

De fato, *North and South* é permeado por esta percepção mais empática da sociedade e de suas dinâmicas. Não há a atribuição, a nenhum dos personagens, de um caráter puramente maléfico; não há vilões, nem heróis, apenas indivíduos enfrentando cada qual seus problemas específicos que não conseguem compreender totalmente as dificuldades do outro - mas que, ao final, conseguem dialogar e se entender, percebendo que todos possuem “um coração humano”. Essa visão conciliadora enfatiza as características positivas de pessoas pertencentes a diferentes classes, e se opõe a uma visão de conflito ou luta de classes, que percebe os interesses dos dois grupos como conflitantes e inconciliáveis. Thornton, aparentemente, é um personagem bom; mesmo que pense de forma preconceituosa sobre os trabalhadores no início do romance, ao final ele se redime quando aceita a parceria de Nicholas Higgins e conhece mais sobre seus empregados. O mesmo pode se dizer dos trabalhadores grevistas, como veremos a seguir.

---

<sup>114</sup> “[...] Ele e eles [os trabalhadores] levavam vidas paralelas - muito próximas, mas nunca se tocando - até o acidente (ou assim lhe pareceu) de sua familiarização com Higgins. Uma vez face a face, de homem para homem, com um indivíduo das massas ao redor dele, e (tomando nota) do caráter de mestre e operário, na primeira instância, eles haviam cada um começado a reconhecer que ‘temos todos um coração humano’” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 500.

#### 4. 3. Organizações operárias: greve, sindicato e consciência de classe

No contexto das novas situações trazidas com a Revolução Industrial, começa a surgir a noção de uma consciência de classe entre os trabalhadores, bem como a figura das organizações de ajuda mútua e, posteriormente, do sindicato. Segundo Thompson, entretanto, é contestável a noção de que os operários foram os principais responsáveis pela reunião de ideias que, a partir de então, serviriam para guiar as ações do movimento trabalhista; o autor ressalta que, em diversas cidades, os verdadeiros centros de organização e ideias que influenciaram o movimento trabalhista haviam sido formados por indivíduos atuantes em pequenos ofícios, como pedreiros, sapateiros, seleiros, tecelões e pequenos comerciantes. Exemplo disto é que entre 1817 até os anos em que o cartismo era dominante, os trabalhadores de pequenas oficinas possuíam tanta participação ativa nas agitações quanto os trabalhadores da indústria.<sup>115</sup>

Neste trecho do capítulo, os trabalhadores como *classe* serão analisadas de forma mais aprofundada. A classe trabalhadora é aqui percebida de acordo com o conceito estruturado por Thompson: segundo o autor, a classe deve ser entendida como muito além de uma categoria pura e simples, sendo necessário compreendê-la como um *fenômeno histórico* que possui a capacidade de unificar diversos - e, aparentemente, desconectados entre si - processos. Este fenômeno histórico seria caracterizado por seu potencial ativo e teria se originado a partir da prática dos próprios indivíduos e das condições dos contextos em que estavam inseridos.<sup>116</sup> Como afirma o autor,

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe, em grande medida pela relação de produção em que os homens nasceram - ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. [...] A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma.<sup>117</sup>

Thompson percebe a classe como a articulação de um grupo cujos integrantes possuem experiências parecidas; tais experiências podem ter surgido de heranças ou de compartilhamentos. Os indivíduos construtores da classe são aqueles que a integram, aqueles

---

<sup>115</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. II, p. 16.

<sup>116</sup> Idem. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. I, p. 9.

<sup>117</sup> Ibidem, p. 10.

que “vivem sua própria história”<sup>118</sup>. Cada grupo, após a articulação, dispõe o que lhe é relevante da forma que considera mais adequada, podendo entrar em confronto direto com outros grupos que possuem interesses próprios. A noção de experiência possui papel fundamental para o conceito de classe formulado por Thompson, aparecendo em outras obras - exemplo disto é o trecho a seguir, retirado de *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*:

A classe se delinea segundo o modo como os homens e mulheres *vivem* suas relações de produção e segundo a *experiência* de suas situações determinadas, no interior do “conjunto de suas relações sociais”, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural.<sup>119</sup>

Para Thompson, a classe não pode ser encarada como um objeto real e mensurável: ao invés disso, a classe deve ser percebida como uma formação social e cultural, consequência de ocorrências de um contexto específico. A classe é percebido não como algo sólido, mas sim como marcada pelo dinamismo; dessa forma, é preciso analisá-la como tal. Como salienta o autor:

[...] Se detemos a história num determinado ponto, não há classes, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências. Mas se examinarmos estes homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações, suas idéias e instituições. A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição.<sup>120</sup>

É possível afirmar que, entre os anos de 1780 e 1832, a classe operária teria se formado. Para Thompson, sua constituição se deve a dois fatores principais: primeiramente, o crescimento de uma consciência de classe baseada em uma identidade de interesses semelhantes entre os trabalhadores como um todo e em oposição aos interesses de outras classes e, em segundo lugar, o aumento na organização política e industrial a partir da criação de instituições oriundas da própria classe operária, como sociedades de ajuda mútua e movimentos de caráter religioso e educativo, por exemplo.<sup>121</sup>

A maioria das primeiras sociedades de ajuda mútua tinham como alvo apenas trabalhadores qualificados; somente após a década de 1830 é que os sindicatos que buscavam atender tanto trabalhadores qualificados quanto não-qualificados começaram a deixar de ser tão incomuns. De acordo com Thompson, isso se deve a alguns fatores específicos, como a busca

---

<sup>118</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. I, p. 12.

<sup>119</sup> Idem. Algumas observações sobre classe e falsa consciência. In: *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas/São Paulo: Ed. Unicamp, 2001. p. 277.

<sup>120</sup> THOMPSON, op. cit, p. 11-12.

<sup>121</sup> Ibidem, p. 23.

do trabalhador especializado em manter seu *status* diante daquele que não o era e a insegurança provocada pelas recorrentes inovações técnicas, que faziam antigas especialidades serem desvalorizadas e outras novas mais apreciadas.<sup>122</sup>

As sociedades de ajuda mútua eram geralmente compostas por artesãos - que faziam contribuições financeiras para auxiliar seus integrantes em casos emergenciais -, e clandestinas, pois a legislação da época não permitia quaisquer formas de organizações operárias. Foram estas sociedades que originaram, em anos posteriores, os primeiros sindicatos. Embora a maioria delas não admitisse discussões políticas, elas eram frequentemente o local onde os insatisfeitos com a política se reuniam - afinal, como salienta Thompson, a iniciativa de organizar um movimento, por si só, já transparecia a presença de um espírito ativo, mesmo que de maneira minoritária. A partir de então foram surgindo os primeiros líderes sindicais, que começaram a se radicalizar rapidamente devido às condições conflituosas em que estavam inseridos.<sup>123</sup>

Para garantir o cumprimento de suas exigências, muitas vezes os sindicatos agiam diretamente para com os trabalhadores. Era comum a utilização da pressão moral, através do boicote àqueles que trabalhassem por um valor abaixo do que o sindicato havia estabelecido ou de “multas” aplicadas a empregados não “legalizados”. Também costumava-se intimidar fura-greves e patrões considerados maus através de agressões. Tudo, entretanto, era pautado a partir dos próprios limites morais dos trabalhadores: o fura-greve, por exemplo, não poderia ser assassinado ou mutilado, pois a moralidade não o permitia - mesmo que fosse encarado como uma ameaça para o sustento daqueles que “trabalhavam duro”.<sup>124</sup> Em *North and South*, as formas de ação do sindicato são semelhantes:

‘And what are the Union's ways and means?’

He looked up at her, as if on the point of dogged resistance to her wish for information. But her calm face, fixed on his, patient and trustful, compelled him to answer.

**‘Well! If a man doesn't belong to th' Union, them as works next looms has orders not to speak to him—if he's sorry or ill it's a' the same; he's out o' bounds; he's none o' us; he comes among us, he works among us, but he's none o' us. I' some places them's fined who speaks to him.** Yo' try that, miss; try living a year or two among them as looks away if yo' look at 'em; try working within two yards o' crowds o' men, who, yo' know, have a grinding grudge at yo' in their hearts—to whom if yo' say yo'r glad, not an eye brightens, nor a lip moves,—to whom if your heart's heavy, yo' can never say nought, because they'll ne'er take notice on your sighs or sad looks

---

<sup>122</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. I, p. 84-85.

<sup>123</sup> Idem. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. III, p. 64.

<sup>124</sup> THOMPSON, op. cit., p. 81-82.

(and a man 's no man who'll groan out loud 'bout folk asking him what 's the matter?)—just yo' try that, miss—ten hours for three hundred days, and yo'll know a bit what th' Union is.' (grifos meus)<sup>125</sup>

No caso do romance, a pressão moral atua fortemente como forma de obrigar os trabalhadores a integrar os sindicatos: se um deles não integra a organização, os colegas que dela participam são ordenados a se afastar e a não lhe dirigir a palavra. De fato, o desprezo dos colegas trabalhadores torna muito mais pesada a rotina na fábrica, ainda mais quando nenhum deles demonstra perceber dificuldades na vida daquele que não participa do sindicato. Ao ouvir a explicação de Nicholas Higgins, Margaret se choca, passando a enxergar o sindicato como uma instituição tirânica. Quando a protagonista questiona a participação de Higgins em uma organização tão intolerante - chegando a apontar uma possível hipocrisia do personagem, afinal, como ele poderia criticar os patrões se o sindicato agia de forma tão cruel quanto? -, este justifica as ações do sindicato como uma necessidade

'Nay,' said Higgins, 'yo' may say what yo' like! The dead stand between yo and every angry word o' mine. D' ye think I forget who's lying there, and how hoo loved yo'? **And it's th' masters as has made us sin, if th' Union is a sin. Not this generation maybe, but their fathers. Their fathers ground our fathers to the very dust; ground us to powder!** Parson! I reckon, I've heerd my mother read out a text, "The fathers have eaten sour grapes and th' children's teeth are set on edge." **It's so wi' them. In those days of sore oppression th' Unions began; it were a necessity. It's a necessity now, according to me. It's a withstanding of injustice, past, present, or to come. It may be like war; along wi' it come crimes; but I think it were a greater crime to let it alone. Our only chance is binding men together in one common interest; and if some are cowards and some are fools, they mun come along and join the great march, whose only strength is in numbers.'** (grifos meus)<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> 'E quais são as formas e meios do sindicato?'

Ele olhou para ela como se fosse manter uma teimosa resistência ao desejo dela por informação. Mas o rosto calmo dela, fixo no dele, paciente e calmo, o incentivou a responder.

'Bem! Se um homem não pertence ao sindicato, aqueles que trabalham nos teares ao redor, têm ordens de não falarem com ele - se está desgostoso ou doente, é tudo o mesmo. Ele está fora dos limites, ele não é um de nós. Ele vive conosco, trabalha conosco, mas ele não é um de nós. Em alguns lugares os que falam com ele são multados. Tente isto, senhorita; tente viver um ano ou dois entre eles, enquanto eles olham para longe se a senhorita olha para eles. Tente trabalhar dentro de duas jardas de multidões de homens que, a senhorita sabem, têm um pesado rancor contra a senhorita em seu corações. Pessoas para quem, se a senhorita dizer que está alegre, o olho não brilha, nem um lábio se move; a quem, se seu coração está pesado, a senhorita nunca poderá dizer nada, porque eles nunca vão notar seus suspiros ou olhares tristes (e um homem não é homem se gemer alto sobre gente perguntando a ele "qual o problema?") Só experimente isso, senhorita - dez horas por dia, trezentos dias por ano, e a senhorita saberá um pouco sobre o que é o sindicato.'" Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 275.

<sup>126</sup> 'Não', disse Higgins, 'a senhorita pode dizer o que quiser! Os mortos estão entre a senhora e toda palavra raivosa minha. A senhorita pensa que eu me esqueço de quem está deitada lá, e como ela amava a senhorita? E foram os patrões que nos fizeram pecar, se o sindicato é um pecado. Não esta geração, talvez, mas a dos pais deles. Seus pais moeram nossos pais até ficar a poeira; nos moeram até o pó! Pastor! Me lembro de ouvir minha mãe ler um texto em voz alta: "Os pais comeram uvas azedas, e os dentes dos filhos ficaram enfraquecidos". É assim com eles. Naqueles dias de dura opressão os sindicatos começaram, foi uma necessidade. É uma necessidade agora, de acordo comigo. É uma resistência à injustiça passada, atual ou futura. Pode ser que seja como a guerra; com ela, vêm crimes; mas acho que seria um crime ainda maior deixar isso como está. Nossa única chance é unir homens

Neste trecho Higgins evoca a ideia de um passado extremamente opressor, onde os sindicatos surgiram como a única maneira dos trabalhadores terem chance de reagir; é possível que o personagem esteja, aqui, fazendo referência ao período em que as primeiras sociedades de ajuda mútua começaram a surgir, em um contexto onde a clandestinidade era obrigatória.<sup>127</sup> Embora o momento histórico em que o romance se passa seja posterior ao que as organizações operárias necessitavam estar às margens da lei, Higgins considera que a necessidade de sua presença continua a ser tão forte quanto outrora; afinal, são a única forma de garantir justiça para com os trabalhadores. Contudo, para que isto possa ocorrer de forma eficaz, é necessário que o maior número possível de pessoas esteja reunido - esta é, de acordo com Higgins, a única força que os trabalhadores possuem. Estas noções são reafirmadas posteriormente no romance, como no trecho destacado a seguir:

**'I'll not deny but what th' Union finds it necessary to force a man into his own good. I'll speak truth. A man leads a dree life who's not i' th' Union. But once i' the' Union, his interests are taken care on better nor he could do it for himsel', or by himsel', for that matter. It's the only way working men can get their rights, by all joining together. More the members, more chance for each one separate man having justice done him. Government takes care o' fools and madmen; and if any man is inclined to do himsel' or his neighbour a hurt, it puts a bit of a check on him, whether he likes it or no. That's all we do i' th' Union. [...]'** (grifos meus)<sup>128</sup>

Novamente o sindicato aparece como o único caminho para garantir o cumprimento dos direitos dos trabalhadores, e isso apenas acontece porque todos se unem visando atingir os mesmos objetivos. Para garantir que isto ocorra, se faz preciso trazer as pessoas para dentro do sindicato, nem que isto ocorra através do uso da força; embora pareça violento, isto é justificado como uma maneira de garantir o benefício do indivíduo, mesmo que este não o compreenda no momento - quando ele enfim integrar o sindicato, diz Higgins, seus interesses serão bem

---

em um interesse comum; e alguns são covardes e alguns são tolos, eles devem se juntar à grande marcha, cuja única força está nos números.” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 276

<sup>127</sup> A partir do *Combination Act* de 1799, estas sociedades foram proibidas de funcionar, sendo alvo de intensa repressão; mesmo assim, elas continuaram a existir. Em 1825 a *Combinations of Workmen Act 1825* permitiu que as organizações saíssem da clandestinidade, mas as forçava a restringir severamente suas ações. Apenas em 1871 é que a atividade sindical foi de fato legalizada, a partir do *Trade Union Act 1871*. Adaptado de: < <http://spartacus-educational.com/Lcombination25.htm>>. Acesso em 08 nov. 2016.

<sup>128</sup> “Não vou negar senão o que o sindicato crê ser necessário para forçar um homem para seu próprio bem. Vou falar a verdade. Um operário leva uma vida difícil mesmo no sindicato. Mas uma vez que entra, os interesses dele são cuidados de um jeito melhor do que ele poderia fazer por si mesmo, ou sozinho, no caso. É o único modo pelo qual os trabalhadores podem conseguir seus direitos, ficando juntos. Quanto mais membros, mais chances para cada homem separado ter a justiça feita para ele. O governo cuida dos tolos e dos loucos; e se qualquer homem estiver inclinado a fazer ele mesmo ou a seus vizinhos uma injúria, ele o marca, quer ele goste ou não. Isso é tudo o que fazemos no sindicato. [...]” Tradução minha. In: GASKELL, op. cit., p. 347-348.

cuidados. O principal trunfo dos trabalhadores é o número elevado de membros unidos em busca de justiça para todos e, para tanto, quanto mais integrantes, maior será este poder.

A violência física era justamente o principal método que o sindicalismo do século XIX tinha para garantir o que objetivava. Como Higgins diz ao salientar que o governo “cuida” (ou seja, reprime) de delinquentes e loucos, o sindicato também utiliza a violência como tática, pois se faz necessário devido à sua inserção em uma sociedade que, normalmente, já era bastante violenta com as classes mais baixas.

Dessa forma, para evitar que direitos sejam deteriorados, é preciso que os trabalhadores se unam e sigam as instruções do sindicato. No caso de *North and South*, o sindicato se mobiliza para evitar uma possível redução de salários nas fábricas têxteis, planejando uma greve que deve ser posta em prática por todos os seus integrantes. Esta greve é o acontecimento essencial para encaminhar a conclusão do romance; a possibilidade para que tal evento ocorra já é o suficiente para provocar discussões por toda a cidade de Milton e tornar os patrões apreensivos, evocando o perigo atribuído à multidão de trabalhadores.

Contudo, *North and South* apresenta também o ponto de vista do trabalhador que precisa recorrer à greve, despindo-o do caráter puramente ameaçador e irracional atribuído a ele na época. Em um trecho, Higgins aponta que a principal motivação da greve reside no enriquecimento dos donos das fábricas às custas dos trabalhadores - sendo que estes últimos eram ameaçados de ter seus salários cortados:

‘But all this time you've not told me what you're striking for,’ said Margaret, again.

‘Why, yo' see, there's five or six masters who have set themselves again paying the wages they've been paying these two years past, and flourishing upon, and getting richer upon. And now they come to us, and say we're to take less. And we won't. We'll just clem them to death first; and see who'll work for 'em then.[...]’<sup>129</sup>

A frequência no uso de *we* e *us* para se dirigir ao grupo de trabalhadores organizados em Milton indica a existência de uma consciência em comum entre eles, que os coloca em conflito com os patrões. Thompson afirma que após a década de 1830 surgiu uma nova consciência de classe entre os trabalhadores. Esta nova consciência poderia ser percebida a partir de dois pontos de vista: o primeiro caracterizava-se pela percepção de interesses comuns

---

<sup>129</sup> “Mas até agora o senhor não me falou porque está fazendo greve”, perguntou Margaret, outra vez. ‘Ora, a senhorita vê, existem cinco ou seis mestres que se juntaram para pagar os mesmos salários que têm pago nos dois últimos anos, e estão prosperando com isso, e ficando cada vez mais ricos. E agora eles vêm a nós, e dizem que temos de ganhar menos. E nós não aceitamos. Morreremos de fome antes; e veremos quem trabalhará para eles então. [...]’ GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 157.

entre trabalhadores de diferentes profissões, enquanto o segundo se refere à consciência de uma identidade de interesses da classe trabalhadora *em oposição* aos de outras classes.<sup>130</sup> Para o autor, a estruturação desta nova consciência de classe foi, em sua maior parte, resultado da reação da classe média à mobilização das forças operárias. É importante salientar que o surgimento desta nova consciência se dá após o período em que Thompson afirma ter ocorrido o *fazer-se* da classe operária; ou seja, ocorre após a década de 1830 num momento em que a influência das organizações operárias já é bastante intensa em toda a Inglaterra.<sup>131</sup>

Estes dois pontos de vista relacionados à nova consciência da classe operária estão presentes em *North and South*, principalmente quando o personagem Nicholas Higgins explica para Margaret suas motivações para participar da greve:

[...] ‘My lass,’ said he, ‘yo’re but a young wench, but don’t yo’ think I can keep three people —that’s Bessy, and Mary, and me—on sixteen shilling a week? **Dun yo’ think it’s for mysel’ I’m striking work at this time? It’s just as much in the cause of others** as yon soldier—only m’appen, the cause he dies for is just that of somebody he never clapt eyes on, nor heerd on all his born days, while I take up John Boucher’s cause, as lives next door but one, wi’ a sickly wife, and eight childer, none on ‘em factory age; **and I don’t take up his cause only, though he’s a poor good-for-nought, as can only manage two looms at a time, but I take up th’ cause o’ justice. Why are we to have less wage now, I ask, than two year ago?**’<sup>132</sup> (grifos meus)

Os trechos destacados anteriormente denotam claramente que Higgins sabe das dificuldades criadas pelas medidas dos patrões e de como seus colegas estão sofrendo para se manter em face delas, afinal, ele próprio está sendo afetado; dessa forma, se faz necessário que os trabalhadores se unam atrás do que lhes é justo. Também se pode identificar que Higgins possui a noção de que existe uma espécie de conflito entre classes quando o personagem atribui papéis e interesses inconciliáveis aos trabalhadores e aos donos das fábricas: os primeiros têm a necessidade de permanecer inflexíveis diante da realidade adversa para beneficiar-se

---

<sup>130</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. III, p. 411.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 412.

<sup>132</sup> “[...] Minha jovem’, disse ele, ‘a senhorita é senão uma menina, mas não acha que eu posso manter três pessoas - isso é, Bessy, Mary e eu - com dezesseis xelins por semana? A senhora não pensa que é por mim mesmo que estou fazendo a greve, a essa altura? É o mesmo que a causa dos outros, como aquele soldado acolá - apenas que ele morre por alguém a quem ele nunca olhou, nem escutou a voz em todos os seus dias de vida, enquanto eu assumo o caso de John Boucher, que mora a duas casas daqui, com uma esposa doente, e oito filhos, nenhum deles com idade para trabalhar nas fábricas; e não luto só pela causa dele apenas, embora ele seja um pobre imbecil, que só consegue lidar com dois teares ao mesmo tempo, mas tomo a causa da justiça. Por que temos de receber menores salários agora, eu pergunto, do que dois anos atrás?’” Tradução minha. In: GASKELL, Elizabeth. *North and South*. London: Penguin Books, 1994. p. 158.

individual e grupalmente, mas os segundos apenas exploram seus empregados para poder acumular grandes quantidades de capital.

Como foi possível constatar neste capítulo, *North and South* traz, em suas páginas, representações bastante interessantes dos trabalhadores e patrões. As formas de vida e de pensamento de cada um destes grupos são completamente diferentes uma da outra, frequentemente sendo conflituosas. Os detalhes são escritos com um cuidado que expõe a preocupação da autora em se aproximar, na medida do possível, da realidade por ela observada em Manchester. Mas talvez o ponto mais importante a ressaltar - mais uma vez - que a característica mais notável do romance é a neutralidade. Embora Gaskell demonstre uma sutil simpatia para com os trabalhadores e suas condições de vida, ela não se posiciona explicitamente a favor deles e de seus métodos de barganha para com os patrões. O mesmo vale para os burgueses. Embora Thornton – o personagem representante dessa classe no romance – seja visto de forma negativa por Margaret durante uma boa parte do romance, Gaskell não o criou para ser o vilão; não há vilões nesta história. A heroína do romance, por sua vez, possui o papel de mediadora: como o leitor, ela precisa analisar ambos os lados e, a partir disto, construir suas ideias sobre o que vê ocorrer em Milton.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enredo de *North and South* é caracterizado pelos contrastes e por um intenso conflito entre os lados opostos – sul, aristocracia e agrarismo *versus* norte, burguesia e industrialismo; operários *versus* patrões. Entretanto, os conflitos do romance são solucionados através do diálogo e da conciliação. Como vimos, no final do livro Thornton e Higgins enfim compreendem as questões e as dificuldades um do outro, bem como de suas respectivas classes, através do diálogo e do trabalho em conjunto. Isto se deve, em parte, à bagagem de valores morais e culturais que Gaskell trazia consigo, como seus laços profundos com a religião e com o humanitarismo. Assim, a resolução dos problemas em uma sociedade como a descrita no romance - naturalmente marcada pelo contraste de visões e ideias - não poderia ter se dado através de um evento revolucionário, mas sim através do simples exercício da empatia e do diálogo.

O caráter mais conciliatório do romance se deve também às críticas recebidas durante a publicação de *Mary Barton*; imediatamente anterior à *North and South*, *Mary Barton* era muito mais simpático aos trabalhadores e por isso Gaskell foi, como vimos, acusada de possuir um apreço “mórbido” demais por eles. Sobre esta questão, pode-se pensar se o fato da autora ser uma mulher teria motivado um maior criticismo e mais dificuldades na aceitação de suas obras mais críticas, contribuindo também para a suavização no teor de seus textos; porém, isto merece um estudo mais aprofundado, que não cabe nos limites deste trabalho.

Mesmo com a adequação feita por Gaskell, *North and South* faz um esforço considerável para expor a realidade do trabalhador industrial, retratando suas condições de vida, saúde e trabalho e seus meios de organização e luta. Suas descrições detalhadas sobre as dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora são construídas de forma a estimular a empatia do leitor; as mudanças no pensamento da própria protagonista também colabora com isso. Nas partes finais do romance, é perceptível que a convivência de Margaret Hale com as contradições da cidade industrial a transformaram de maneira profunda. De fato, ao final de *North and South*, Margaret é uma pessoa totalmente diferente. Está num local totalmente oposto aos ambientes em que havia convivido durante sua infância e adolescência; além disso, Margaret perde os pais e fica com a herança do padrinho, vivendo por si própria. É algo semelhante ao que ocorrera na vida da própria autora, que se muda para uma grande cidade industrial após se casar e, a partir de então, conhece uma realidade muito distante da sua até o momento.

Considerando os limites deste trabalho, não há como afirmar com certeza que as experiências de vida de Gaskell influenciaram no enredo de *North and South*; para responder a esta questão, seria necessário realizar uma pesquisa muito mais extensa. A partir das leituras empreendidas para a realização do presente estudo, o que se pode concluir é que é possível, dado que as vivências de personagem e escritora foram bastante semelhantes, que muitas das primeiras impressões que Margaret teve quando chegou em Milton tenham sido próximas às de Gaskell durante seus primeiros dias como moradora de Manchester e seus primeiros contatos com as peculiaridades da cidade e da vida dos operários; além disso, pode se dizer que sua preocupação em retratar as dificuldades dos operários e as motivações de suas lutas se relacionam estreitamente com os círculos humanitários frequentados pela autora e por seu marido.

Relembrando o conceito de representação, pode-se dizer que a vivência de Elizabeth Gaskell antes e durante sua estada em Manchester fez com ela produzisse *representações* próprias acerca da vida e das relações existentes em uma cidade industrial inglesa da primeira metade do século XIX. Estas representações se fazem presentes em *North and South* e dizem respeito tanto à dureza da vida na cidade e do cotidiano do trabalhador industrial - a multidão nas ruas, as condições de trabalho e saúde inadequadas, a pobreza das residências, a precariedade no saneamento, as formas de organização e resistência – quanto à situação mais positiva dos empregadores a partir da descrição de suas residências, por exemplo. As relações conflituosas entre patrões e operários, bem como a maneira depreciativa com que um grupo encara o outro e o conflito geográfico entre o norte e o sul ingleses também se encaixam neste âmbito.

Como vimos, *North and South* pertence a um contexto onde os resultados produzidos pela Revolução Industrial se mostravam intensamente na sociedade. Além dos escritos de Gaskell, no mesmo período foram produzidas diversas obras sobre o assunto - de cunho ficcional ou não -, sendo seus autores oriundos não apenas da Inglaterra, mas também de outros locais da Europa. Relatos de viagem, romances e estudos empíricos abordavam a precária situação da classe trabalhadora, que na época se manifestava de forma particularmente intensa em Manchester – local que, como foi anteriormente mencionado neste trabalho, atraía um grande número de estudiosos.

O principal diferencial de *North and South* em relação a outras publicações do período é a neutralidade com que Gaskell tenta abordar as posições da classe trabalhadora e dos patrões. As razões dos operários para a greve são vistas como válidas e racionais, mas a dos

empregadores também são dignas de atenção: ambas as motivações são, no romance, percebidas como justas. O tom conciliador também. Embora o conflito seja uma constante, a solução não vêm através dele. Os trabalhadores lutam, fazem greve e invadem a fábrica quando necessário; entretanto, apenas conseguem melhorias quando se dispõem a dialogar com o patrão. O mesmo pode se afirmar do empregador, que, falido, vê no diálogo com o operário experiente um caminho para sair da sua difícil situação. Estas características são resultado da criação religiosa de Gaskell, bem como a experiência que tivera anteriormente com seu primeiro romance social, *Mary Barton*. Também são – retomando Arnold Hauser – produto do próprio contexto em que o romance foi escrito, onde o fato da maior parte do público leitor de romances sociais ainda ser composta por integrantes de classes sociais mais elevadas influenciava no conteúdo das histórias.

*North and South* é uma obra literária que possui um potencial muito grande como fonte histórica. A cidade, a vida da classe trabalhadora e as relações conflituosas que esta mantinha com seus empregadores são construídas com base nas formas com que as consequências da Revolução Industrial foram percebidas e assimiladas por uma autora que foi contemporânea a elas. A partir do livro, se pode entender o pensamento de uma época, pensamento este moldado em um contexto específico – por uma mulher de classe média baixa, de formação cristã, que auxiliava o marido em atos de caridade e que frequentava a sociedade de uma grande cidade industrial. Levando em consideração estes quesitos, *North and South* se torna uma fonte de pesquisa bastante interessante.

## 6. BIBLIOGRAFIA

ALLOT, Miriam. *Elizabeth Gaskell*. London: The British Council, 1960.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no Século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

DECCA, Edgar Salvadori de. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_; MENEGUELLO, Cristina. *Fábricas e homens: a Revolução Industrial e o cotidiano dos trabalhadores*. São Paulo: Atual Editora, 2004.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. v. II: Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

EMRICH, Victor. *A contribuição de Edward Palmer Thompson para o conceito de classe social*. Disponível em:

<[https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com\\_content&view=article&id=414:thompson-e-o-conceito-de-classe&catid=2:artigos](https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=414:thompson-e-o-conceito-de-classe&catid=2:artigos)>. Acesso em 20 out. 2016.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global Editora, 1986.

FORD, Boris. (edit.) *The Pelican guide to English literature*. v. 6: from Dickens to Hardy. Baltimore: Penguin Books, 1961-1972.

GASKELL, Elizabeth. *Margaret Hale (Norte e Sul)*. Domingos Martins: Editora Pedrazul, 2015.

\_\_\_\_\_. *North and South*. London: Penguin Books, 1994.

GUIMARÃES, Paula Alexandra. *A Resolução de North and South de Elizabeth Gaskell*. Braga: Universidade do Minho, 1993. Disponível em:

<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24998>>. Acesso em 19 set. 2016.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

- \_\_\_\_\_. *A Era do Capital: 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- HUNT, Lynn. (org.) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LANDOW, George P. *Unitarianism*. The Victorian Web. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/religion/unitarian.html>>. Acesso em 12. out. 2016.
- MENDES, Oscar. *Estética literária inglesa*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- PACHECO, Alexandre. *As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de habitus e campo em Pierre Bourdieu*. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0051.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2016.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004
- \_\_\_\_\_. História & literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs). *História & literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- RUDÉ, George. *A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1730-1848)*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SHELSTON, Alan. *Elizabeth Gaskell's Manchester*. Disponível em: <<https://www.lang.nagoya-u.ac.jp/~matsuoka/EG-Manchester-Alan.html>>. Acesso em 12 out. 2016.
- THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.
- \_\_\_\_\_. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas/São Paulo: Ed. Unicamp, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- \_\_\_\_\_. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.